



CÔ A VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 8 – ano de 2006

CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2006



**ACTAS DO II CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO DOURO
E BEIRA INTERIOR**

PUBLICAÇÃO A CARGO DOS SERVIÇOS
CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 8 – ano de 2006

Este número de CÔAVISÃO publica exclusivamente as Actas do II Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, organizado entre 19 e 21 de Maio de 2005, em Vila Nova de Foz Côa

Trabalho coordenado por:
António do Nascimento Sá Coixão

Foto da capa:
Pormenor de Arquitectura rural na freguesia de Sto. Amaro

Composição e impressão:
Tipografia Lobão, Lda.
Rua Quinta do Gato Bravo, 5
2810-069 Almada
Tel. 21 255 98 90 – Fax 21 255 98 99
geral@tipografialobao.pt www.tipografialobao.pt

Depósito Legal:
242718/06

ISBN 972-8763-16-6

EDIÇÃO:

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

2006

Índice

Prefácio	5
<i>Emílio António Pessoa Mesquita, Presidente da Câmara de Vila Nova de Foz Côa</i>	
Introdução	7
<i>António do Nascimento Sá Coixão</i>	
Metalurgia de Ervamoira – Vale do Côa: estudo das peças	9
<i>J.A. Gonçalves Guimarães e Eva Baptista</i>	
O sítio arqueológico da Quinta dos Bons Ares, Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa	17
<i>J. A. Gonçalves Guimarães</i>	
Objectos arqueológicos e outros de Trás-os-Montes e Alto Douro na Colecção Marciano Azuaga (Solar Condes de Resende, Vila Nova de Gaia)	25
<i>J. A. Gonçalves Guimarães, Eva Baptista e Fátima Teixeira</i>	
Agricultura y antropización del paisaje en Portugal desde una perspectiva palinológica.....	41
<i>José Antonio López Sáez, Domingos J. Cruz</i>	
Métodos de Mapeamento das Dinâmicas Erosivas em Acção nos Painéis de Arte Rupestre do Vale do Côa	50
<i>António Pedro Batarda Fernandes, Maria T. Rico e Jennifer K. K. Huang</i>	
A Ponte internacional de Barca d’Alva - La Fregeneda no contexto da construção da Linha do Douro até Salamanca	60
<i>Emílio Rivas Calvo e Carlos d’Abreu</i>	
A Ponte ferro-rodoviária do Pocinho – um monumento da Arqueologia Industrial que urge preservar	90
<i>Carlos d’Abreu e Emílio Rivas Calvo</i>	
Escavar na Língua.....	112
<i>António Alberto Rodrigues Trabulo</i>	
O Sítio Arqueológico do Rumansil I	118
<i>António N. Sá Coixão e Tony Silvino</i>	
A arte rupestre no concelho de Tondela: Uma perspectiva diacrónica.....	138
<i>André Tomás Santos, António Cheney e Augusto Jorge Azeiteira</i>	
Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca....	156
<i>António Martinho Baptista, André Tomás Santos e Dalila Correia</i>	
Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005 – Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)	185
<i>Vítor Oliveira Jorge, João Muralha, Leonor Sousa Pereira, Ana Margarida Vale, Gonçalo Leite Velho e António Sá Coixão</i>	
Achegas para o estudo do povoamento calcolítico da Beira Interior. O pequeno habitat das Carvalheiras (Sabugal)	205
<i>Elisabete Robalo e Marcos Osório</i>	

Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca

António Martinho Baptista¹

André Tomás Santos²

Dalila Correia³

0. Introdução

Desde os anos 60 que a Arte Paleolítica tem vindo a ser estudada no âmbito dos paradigmas e metodologias estruturalistas. Entre os trabalhos que mais influência vieram a ter no panorama interpretativo do fenómeno devem contar-se as obras de A. de Laming-Emperaire (1962) e A. Leroi-Gourhan (v. g. 1995). Será, no entanto, de todo injusto olvidar o pioneirismo de M. Raphael (1945) porquanto é ele o primeiro a aperceber-se do “sentido de composição” de determinados conjuntos figurativos. A grande importância destes trabalhos reside no facto de, pela primeira vez, se assumir que se poderia compreender o fenómeno parietal e móvel a partir das relações entre as figurações existentes no seu seio, na medida em que aquele deveria ser visto como um sistema relacional estável ao longo do tempo e do espaço. Isto é, estaria sujeito às mesmas regras de funcionamento, ou melhor, ao mesmo código semiótico. Nos trabalhos de Leroi-Gourhan estava ainda implícito que não só a relação entre as figurações estava baseada naquele código como também as relações entre aquelas e os espaços das grutas onde se encontravam (v. g. Leroi-Gourhan, 1972) ou o tipo de objectos onde eram figurados. Ou seja, o suporte era fundamental na compreensão do sistema. Materialmente, o sistema estruturava-se sobre a dualidade entre o cavalo e o bovídeo. De acordo com Leroi-Gourhan, os restantes animais relacionar-se-iam com um dos atrás referidos, formando-se assim dois grupos: um α associado ao cavalo e um β que se relacionaria com os bovídeos. Da mesma maneira, os motivos não figurativos (ou signos) associar-se-iam a cada um daqueles grupos (v. g. Leroi-Gourhan, 1968). Já a explicação do sistema residiria, como na generalidade dos modelos estruturalistas, num binómio conceptual que, no caso dos dois primeiros autores acima referidos, era de carácter sexual.

A partir dos anos 70 e até aos anos 90, os trabalhos dos Sauvet e Włodarczyk (Sauvet *et alii*, 1977; Sauvet e Sauvet, 1979; Sauvet, 1988; Sauvet e Włodarczyk, 1995) vão aprofundando por métodos estatísticos a semiótica do factor gráfico do fenómeno. Pese o seu carácter globalizante e intencionalmente redutor, é notória a existência de linhas de força que poderão ou não ser observadas em casos concretos. É evidente que ao contrário dos resultados advindos daqueles trabalhos, no Côa não é possível separar o auroque do bisonte, porquanto este aqui não se encontra e o primeiro ocupa um claro lugar de seu substituto, tal como propunha Leroi-Gourhan. Por outro lado, entre os resultados a que chegamos aqueles autores destacamos, pela pertinência no nosso caso concreto, o da importância do caprídeo⁴. Se bem que admitamos a existência das tais linhas de força em comum, estas e outras incongruências que verificamos quando nos debruçamos sobre determinados sítios concretos não se deverão provavelmente a uma espécie de culto local que não comprometeria a unidade semântica do fenómeno (Sauvet e Włodarczyk, 1995, 193-194). Antes pelo contrário, admitimos a diversidade semântica daquele. Não só a nossa experiência no Côa a isso nos impele, como julgamos ser algo

¹ Centro Nacional de Arte Rupestre. Av. Gago Coutinho e Sacadura Cabral, 19, 1º, 5150-610 Vila Nova de Foz Côa. E-mail: ambaptista@mail.telepac.pt.

² Centro Nacional de Arte Rupestre. E-mail: a.t.santos@sapo.pt.

³ Centro Nacional de Arte Rupestre. E-mail: dalilacorreia@hotmail.com.

⁴ No entanto, não é essa a situação no Magdalenense local.

sobejamente demonstrado pelo trabalho de D. Vialou (1986), na medida em que este até se debruçou sobre uma região e um período bastante concretos – o Ariège no Magdalenense.

Ora, este problema da diversidade ou unidade semântica é particularmente pertinente na medida em que poderá servir-nos de ponto de partida para a exposição da grande limitação do paradigma estruturalista, a saber – a sobrevalorização da semiótica em detrimento da semântica. Ou, por outras palavras, a compreensão em detrimento da explicação (Ricoeur, 2000, 94-95). Esta situação é particularmente bem ilustrada pela pouca ênfase que Leroi-Gourhan, sendo o estruturalista que mesmo assim mais se atreve a explicar, põe neste ponto chegando a intitular o último ponto de um texto seu como “Carência de uma explicação” (1984, 435). Ora, este é um ponto de suma pertinência uma vez que, tal como propõem os hermeneutas pós-estruturalistas, a relação entre significante e significado é relacional, ou se quisermos utilizar os conceitos de Saussure, não há *langue* sem *parole*. Ora, esta última é criadora/criada de/num *Mundo*, e “mediadora” entre este e o *Ser*, também ele integrado nesse *Mundo*, definindo-se este como um plexo de referências significativas, como um sistema de relações (Heidegger, 1998, 103)⁵. Esta premissa implica que a compreensão de algo dentro de um *Mundo*, depende do nosso conhecimento de todo o plexo de referências com que esse algo se relaciona, ou seja, depende do nosso conhecimento desse *Mundo*. Na compreensão de uma estação de arte rupestre temos que forçosamente não só relacionar as figuras entre si e entre si e o suporte como também com todos os aspectos de um *Mundo* que julgemos pertinente, nomeadamente a paisagem ou o próprio corpo, ele próprio inserido nesse *Mundo*. É nesse sentido que a abordagem fenomenológica da arte rupestre ganha toda a pertinência (Santos, no prelo). Contudo, as metodologias estruturalistas continuam a ser imprescindíveis, na medida em que são a ferramenta necessária para a compreensão de uma estação a um primeiro nível. Neste texto procuraremos numa fase prévia compreender a organização estrutural subjacente à distribuição das rochas da estação da Penascosa/Quinta da Barca na sua fase Gravetto-Solutrense e num segundo explicar a sua relevância no contexto coevo local. Antes disso procuremos sintetizar o que conhecemos já do *Mundo* do qual emergiram tais gravações, ou dito de outra maneira, qual o contexto arqueológico envolvente.

I. Contexto Geo-arqueológico

O Côa “historiado” corre de sul para norte embutido na superfície fundamental da Meseta Ibérica (Fig. 1), um pouco para leste do degrau que, seguindo o rio do Vale da Vila e o *graben* da Longroiva, limita esta mais que ampla superfície de erosão (Ferreira, 1978, 81). O seu curso na área que nos interessa apresenta-se no seu sector montante (onde se encontra a Faia) com um traçado rectilíneo enquanto o jusante é mais meandrizado, devendo-se este facto à conjugação da existência de diversos substratos rochosos e de fenómenos tectónicos vários (Meireles, 1997, 42). Assim, no primeiro sector referido o rio corre em vale profundamente encaixado e ladeado por fortes pendentes. Já para jusante, os vales são globalmente em V, fruto essencialmente da natureza xistosa do substrato. Algumas áreas do vale apresentam-se, no entanto, algo alargadas, sendo um dos casos mais expressivos precisamente o da praia da Penascosa. Deve-se este facto à “acção combinada da tectónica e da acentuada erosão regressiva exercida sobre as formações metassedimentares do substrato” (Meireles, 1997, 43). Estes aspectos são assim responsáveis pela rede hidrográfica bastante cavada e pelos interflúvios de topos planos e ligeiramente arredondados que caracterizam a zona do vale, aparecendo-nos este com a expressiva ondulação que o caracteriza. Deve-se ainda destacar pela sua expressividade perceptual, o amplo terraço existente entre a Quinta da Barca e a Quinta da Ervamoira, originando-se ali, uma zona de “baixio” em relação aos relevos circundantes.

De momento, não dispomos de dados paleoambientais ou paleoclimáticos que possam com rigor descrever estes aspectos durante o mais antigo período de gravação do vale. No entanto, por extrapolação podemos admitir que nos encontraríamos num clima bastante mais seco mas perante um rio mais caudaloso,

⁵ Na verdade, o que no corpo do texto definimos como Mundo é o que Heidegger define como Mundanidade que considera ser um elemento constitutivo do ser no Mundo (Heidegger, 1998, 77). O Mundo é, em curtas palavras, a concretização da Mundanidade. Ou seja, enquanto esta corresponde a um conceito ontológico, aquele trata-se de um ontológico existencial (Heidegger, 1998, 78).

porquanto este seria alimentado pelos degelos dos glaciares da serra da Estrela (Zilhão, 1997, 20-21) e das neves sazonais dos planaltos circundantes (Aubry *et alii*, 2002, 73).

Os vários núcleos de arte rupestre paleolítica, em número de 26 (Baptista, no prelo) (Fig. 2), distribuem-se precisamente ao longo deste rio, seus tributários, assim como por alguns subsidiários do Douro próximos da foz daquele. Obedecendo a diferentes padrões de localização, podem, de momento, identificar-se duas grandes fases de gravação (Baptista, 2001a). A primeira caracteriza-se essencialmente pelo uso preferencial da picotagem a que se pode associar a abrasão. Nesta fase, os animais mais gravados correspondem aos equídeos, bovídeos e caprídeos, executados de acordo com critérios específicos bem precisos (Guy, 2002). Vários factores nos impelem a integrá-los no período situado entre o Gravettense e o Solutrense: por um lado, a escavação do Fariseu, que pela análise do material lítico contido nas camadas 4c e 4e (atribuível ao Protosolutrense) veio demonstrar que as gravações contidas na rocha 1 (parcialmente recobertas pelas camadas atrás referidas e ainda pelas 5 e 6) seriam forçosamente anteriores (Aubry, 2002, 35)⁶; por outro lado, os paralelos quer com conjuntos datados pelo ¹⁴C⁷ quer com outros que não se encontrando datados radiocarbonicamente são atribuíveis ao mesmo período⁸. Para além destas figuras, devemos ainda contar com alguns motivos filiformes de contorno simples, executados de forma bastante tosca e que aparecem sobrepostos pelas gravuras a que nos temos vindo a referir (v.g. rocha 1 da Canada do Inferno ou rocha 1 do Fariseu). Esta fase encontra-se apenas junto ao Côa, atingindo o maior número de representações nas zonas das antigas praias (Baptista e García, 2002, 200).

A segunda fase de gravação do Côa deve ser atribuível ao Magdalenense, sendo caracterizada essencialmente por figuras filiformes de traço múltiplo. Ocorrem também as de contorno simples, estas profusamente detalhadas do ponto de vista anatómico. Os paralelos mais evidentes, em particular para as primeiras, encontramos-os na arte parietal da Cantábria⁹ ou nas omoplatas gravadas da mesma região¹⁰. De referir ainda o aparecimento de uma placa com motivos estriados proveniente da camada Magdalenense do Fariseu¹¹. Para além da incisão conhece-se também deste período a associação picotagem/abrasão como o demonstra o repertório figurativo da rocha 3 da Quinta da Barca¹². A distribuição espacial das gravuras deste

⁶ A continuidade do estudo desta estação revela-se de uma pertinência extraordinária. Na verdade, não sendo o único argumento a favor da existência de duas grandes fases de gravação no Côa, é seguramente um de peso, que aliás veio precisar um primeiro quadro crono-estilístico apresentado (Baptista, 1999a; 1999b).

⁷ Nomeadamente os auroques e cavalos da fase II de Cosqueur (salientando-se aqui que duas das amostras são proveniente do cavalo 1). Se excluirmos a data Gif A 92 492 (uma vez que a segunda data proveniente do mesmo bisonte é mais fiável), as quatro restantes (Clottes e Courtin, 1992, 170-173) são estatisticamente semelhantes entre si (teste t: 5.57896; χ^2 (.05): 7.81), pelo que é permissível calcular a média ponderada cujo resultado é o seguinte: 18811±112 BP (ou 20604-20202 AC a 2 sigma). Também paralelizáveis são os cavalos de Mayennes-Sciences, cujo exemplar 15 forneceu duas datas (Pigeaud, 2004, 127) estatisticamente semelhantes entre si (teste t: 0.5426593; χ^2 (.05): 3.84) e cuja média ponderada fornece o seguinte resultado: 24797±332 BP. Também os cavalos e cabras de Nerja A são passíveis de ser paralelizados com os do Côa. Daqui conhecemos a datação 19900 BP (Sanchidrián, 2000, 544). Todos os cálculos estatísticos e calibrações presentes neste texto foram feitas com o programa *Radiocarbon Calibration Program, ver. 5.0* (fornecido pelo Quaternary Isotope Laboratory, University of Washington). Quanto à calibração, consultar Stuiver *et alii*, 1998.

⁸ Tais como os santuários exteriores da Cantábria na sua segunda fase (Forkea, 1994, 209-214) ou, por exemplo, o sítio de La Griega (Sauvet e Sauvet, 1983).

⁹ Lembremos aqui a datação obtida para um traço negro sobre uma corça estriada na gruta de Altamira: Gif A-96059: 14650±140 BP (Moure Romanillo *et alii*, 1996, 304).

¹⁰ Também de Altamira é proveniente uma omoplata datada: Gif A 90057: 14480±250 BP (Bernaldo, 1994, 265). Corresponde à placa S.1m-1006bis de Corchón, aparecendo aí um quadrúpede estriado (Corchón, 1986, 290 e 302, fig. 55 em baixo).

¹¹ Duas das cerca de 60 placas aqui exumadas encontram-se já publicadas (García e Aubry, 2002).

¹² Composta por um bode com duas cabeças com o corpo orientado para a esquerda, uma cabra orientada na mesma direcção e uma coxa de um outro animal, provavelmente da mesma espécie, orientado da mesma maneira (Baptista, 1999a, 116-117). Dois aspectos nos indicam uma possível cronologia magdalenense: por um lado a morfologia das patas paralelizável com as dos bisontes de Altamira cuja média ponderada das datas mais antigas (as da fracção húmica) (Bernaldo, 1994, 265) que são estatisticamente semelhantes entre si (χ^2 : 5.99; Teste T: 2.958969), é de 15691-15139 BC a 1 sigma e 15928-14887 a 2 sigma. Por outro lado, a técnica do “arame farpado” cuja presença no Parpalló está atestada a partir do Magdalenense Antigo B (Villaverde, 1994, 78).

período é mais abrangente, “conquistando-se” agora os altos e os tributários do Douro. Em relação ao besteiário ganha particular relevância o cervídeo.

No trabalho que agora apresentamos debruçar-nos-emos exclusivamente sobre a primeira fase de gravações do Côa, fase esta que se encontra também bem representada nos sítios arqueológicos que têm vindo a ser investigados na região. De momento, na região estão inventariados cerca de 45 sítios provavelmente paleolíticos (Luís, 2005, 36). Destes, à volta de 30 poderão ser integrados no Paleolítico Superior (Aubry *et alii*, 2002, 69), confirmando-se a presença Gravettense e Solutrense na Olga Grande 4 (Aubry, 1998; Mercier *et alii*, 2001, 279; Aubry e Sampaio, 2003a), 14 (Aubry, 2001, 261-262; Aubry e Sampaio, 2003b), Cardina I (Zilhão *et alii*, 1995; Mercier *et alii*, 2001, 279), Ínsula (já na ribeira de Aguiar, esta apenas com Gravettense) (Aubry e Carvalho, 1998, 28; Aubry, 2001, 262) e eventualmente Fariseu (Aubry e Baptista, 2000; Aubry, 2002, 35-36). Os dois primeiros sítios localizam-se no planalto granítico, os últimos no fundo do vale (Fig. 2). A estas diferentes localizações correspondem diferentes estruturas e diferentes conjuntos materiais que poderão indicar uma diferença/complementaridade de funcionalidades. Assim, os primeiros parecem relacionar-se particularmente com actividades cinegéticas enquanto os segundos (à excepção do Fariseu que se encontra ainda mal caracterizado) parecem ter uma função mais residencial (Aubry *et alii*, 2002, 74). Todos os sítios (com a excepção evidente da Ínsula) se relacionam de forma directa ou indirecta com as estações Penascosa/Quinta da Barca: os do vale encontram-se a cerca de 3 quilómetros para montante (com excepção do Fariseu cuja relação é mantida evidentemente com as rochas desse sítio) e os do planalto junto às nascentes da ribeirinha, curso de água que desemboca no Côa junto à Penascosa. É particularmente relevante esta associação espacial em relação àqueles pontos nodais do santuário, porquanto a esta relação espacial pode analogicamente corresponder um sentimento de “sempre presença” da informação ali contida. Que na Olga Grande 4 tenham sido identificados picos que poderão ter sido utilizados na execução das gravuras (Aubry, 2001, 262) vem reforçar ainda mais esta situação, assim como a presença de xistos da formação da Desejosa naquela mesma estação (Aubry *et alii*, 2004, 46). Outro aspecto importante a ter em conta é a origem da matéria-prima, em particular do sílex, uma vez que este, embora residual no conjunto lítico, é de proveniência não local ou regional. Os estudos demonstram-nos que é proveniente de áreas que se poderão situar a cerca de 250 km da região (Aubry *et alii*, 2004, 47). Dois modelos explicativos foram propostos: ou o Côa seria um sítio agregador de comunidades dispersas que aí acorreriam sazonalmente ou, mais provavelmente, as comunidades locais interagem com outras alógenas, seja porque estas aqui se deslocariam, seja porque as primeiras efectuariam trocas nos limites do seu território (Aubry *et alii*, 2004, 47). Assim, de momento, não podemos pela análise exclusiva da origem do sílex avaliar se a relevância social do Côa se estenderia a várias comunidades situadas a vários quilómetros de distância entre si (caso da primeira hipótese explicativa ou da segunda na situação de interacção local) ou se era meramente local (caso da segunda hipótese em que a interacção é feita em pontos afastados do Côa). De uma coisa, podemos estar certos: estes contactos longínquos deram certamente origem aos convencionalismos artísticos que existentes no Côa ocorrem noutros pontos da Meseta, do Centro de Portugal, caso do Ocreza (Baptista, 2001b) ou do Zêzere (Baptista, 2004), do Alto Sabor (Baptista, no prelo) ou do Douro, caso de Mazouco (Jorge *et alii*, 1981) ou da Fraga do Gato (Baptista e García, 2002, 188).

II. PENASCOSA/QUINTA DA BARCA

Embora, como se referiu em publicações anteriores e se procurará demonstrar seguidamente, as rochas distribuídas pelos dois sítios formem um conjunto estruturado (Baptista e Gomes, 1997), elas espalham-se por duas margens que do ponto de vista geomorfológico são bastante diferenciadas. É aliás este um dos aspectos primordiais que há que ter em conta na análise do santuário. Passemos, então, à descrição desses aspectos.

Os sítios encontram-se afrontados, a Penascosa na margem direita e a Quinta da Barca na margem esquerda do Côa. Em ambas o substrato rochoso corresponde ao xisto que aqui se manifesta na sua fácies da formação de Pinhão (Ribeiro, 2001, 13). As tonalidades das rochas variam entre os cinzentos, os castanhos e os laranjas. Outro aspecto em comum que partilham ambos os sítios é o facto de nos seus sectores

setentrionais serem atravessados por um filão de quartzo clorítico com intercalações de magnetite que na Quinta da Barca se desenvolve no sentido OSO-NNE e na Penascosa no sentido O-E (Ribeiro, 2001, mapa f. t.).

O sítio da Penascosa encontra-se cartografado na Carta Militar de Portugal, escala 1: 25000, folha 151. A rocha 3, que ocupa um lugar mais ou menos central junto à praia, apresenta as seguintes coordenadas Greenwich: 41° 00' 23,40" N e 07° 06' 12,42" O. Quanto à altitude, esta varia entre os 137 m da rocha 4 e os 210 m da rocha 20. Administrativamente a estação integra-se na freguesia de Castelo Melhor, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda. Do ponto de vista da Geomorfologia, as rochas distribuem-se pela vertente oeste de um esporão que se encontra ligado por norte ao relevo do Alto da Escavada. O limite meridional da estação é marcado pela linha de água imediatamente a jusante da foz da Ribeirinha, afluente da margem direita do Côa. A Setentrião as rochas não ultrapassam o curso hidrológico imediatamente a norte. A vertente apresenta uma forte pendente – em cerca de 200 m existe uma variação de cota da ordem dos 125 m. Entre o sopé e o rio Côa encontra-se uma praia fluvial cuja maior distância em relação ao Côa é de cerca de 150 m. É constituída essencialmente por sedimentos recentes que começaram a preencher esta área do vale há cerca de 6000 anos (a partir da datação OSL de amostra recolhida a cerca de 2,5 m de profundidade), algum tempo após a última fase erosiva do mesmo que terá ocorrido algures entre o princípio do Holocénico e esta data (Zilhão, 1997, 14). Este aspecto é importante porquanto nos diz que houve importantes modificações da topografia local desde os finais do Pleistocénico. No entanto, a nível global, podemos afirmar que já no Paleolítico esta área conseguiria abrigar grandes aglomerados de pessoas. Vários factores nos permitem afirmar isso: por um lado, o processo de preenchimento é precedido por uma fase erosiva ocorrida já em período Holocénico; por outro as rochas situadas em cotas mais baixas situam-se sensivelmente ao mesmo nível da praia; e ainda por outro este padrão corresponde ao que se tem vindo a verificar nas áreas de outras praias fósseis do Côa.

A Quinta da Barca encontra-se cartografada na mesma folha da Carta Militar de Portugal, apresentando a rocha 28 as seguintes coordenadas geográficas: 41° 00' 22,83" N e 07° 06' 21,53" O. As rochas distribuem-se entre a cota mínima de 125 m das rochas 1 e 23 e a máxima de 205 m da rocha 15. Administrativamente, encontra-se já na freguesia de Chãs. Já a Geomorfologia não se apresenta tão regular como a da Penascosa. Esta área é limitada a leste pelo próprio Côa, a sul pela segunda linha de água para jusante da ribeira da Volta (doravante ribeira da Quinta da Barca) e a norte pela linha de água imediatamente a montante da ribeira das Cortes, ambas afluentes da margem esquerda do Côa. Já o limite ocidental é mais impreciso sendo definido pelas linhas de água subsidiárias das atrás referidas, linhas de água estas que são genericamente paralelas ao próprio curso do Côa. De leste para oeste, a vertente pode ser descrita da seguinte maneira: começa por apresentar uma forte pendente ao longo dos primeiros 25 m em linha recta (com as cotas a variar entre os 160 e os 130 m, formando-se assim como que uma parede que se abate directamente sobre o Côa), seguidamente encontra-se um degrau de cerca de 120 m ligeiramente ondulado¹³ (com cotas entre os 160 e os 170 m) e termina numa pendente novamente bastante acentuada (em cerca de 220 m as cotas variam entre os 258 m do topo e os 170 m). Outro aspecto contrastante em relação ao sítio da Penascosa é a abundância de linhas de água perpendiculares ao Côa que cortam a vertente que temos vindo a descrever. Por outro lado, a ribeira da Quinta da Barca apresenta um percurso algo sinuoso, percorrendo um vale algo apertado no seu sector terminal, alargando um pouco a montante, no ponto em que recebe o curso de água que a alimenta por norte (e que corresponde a um dos limites ocidentais da estação referidos acima). Pequenos corgos de pequena importância ligam esta ribeira com o terraço da casa dos 170 m referido acima. Voltamos agora para as rochas.

¹³ Corresponde a um terraço do Plistocénico Inferior ou Médio (Zilhão, 1997, 13; Aubry *et alii*, 2002, 64-65, fig. 4).

Na Penascosa, encontram-se inventariadas até ao momento 26 rochas, sendo que 19 são seguramente Paleolíticas¹⁴. Destas, 10 contém gravuras que consideramos poderem ser datadas de um período compreendido entre o Gravettense e o Solutrense, distribuindo-se globalmente ao longo do sopé da vertente. São estas, de norte para sul, a 11, a 1, a 3 e logo acima a 2, a 4, a 5 e a 6. Acima desta à esquerda encontramos a rocha 7, seguidas da 9 e da 8. Este último grupo, juntamente com a 6, localiza-se num pequeno outeiro que, no sector meridional, se destaca da vertente principal.

Na Quinta da Barca, foram inventariadas 32 rochas, todas com figurações paleolíticas à excepção da 7 que apenas apresenta dois cervídeos de cronologia já Neo-Calcolítica. Destas 31, 24 serão de período Gravetto-Solutrense. Por outro lado, a 25 encontra-se tombada no rio e a 27 localiza-se actualmente sobre a rocha 1. Desta forma, na nossa análise só teremos em conta as 22 *in situ* e a 27, rocha cuja posição podemos reconstituir com alguma fiabilidade. Assim, ao contrário de agora, a rocha certamente que se encontrava levantada, mas não longe do local onde a encontramos de momento. Quanto à sua distribuição, podemos resumir deste modo a situação: ao longo da ribeira da Quinta da Barca, sempre na margem esquerda, encontramos de jusante para montante as rochas 6, 1, 2, 4, 5, 10, 11 e atrás a 12. Ao longo da pendente que acompanha o Côa, observam-se, a diferentes cotas, e de montante para jusante as rochas 8, 9, 18, 19, 20, 21 e 22. No terraço referido acima encontramos junto ao primeiro corgo que o liga à ribeira (a contar de jusante) as rochas 28 e 29. Ainda nesse terraço mas junto do sopé de onde arranca a segunda pendente e também no seguimento de um dos corgos encontra-se a rocha 14. Na segunda pendente observam-se, de sul para norte, as rochas 13, 15, 16 e 17.

Após esta primeira abordagem, facilmente o leitor se apercebe já de importantes diferenças ao nível da distribuição das rochas. Que estas diferenças implicam diferentes formas de andar e perceber o santuário e se relacionam com a variabilidade temática ao longo de vários percursos possíveis é o que procuraremos demonstrar seguidamente.

III. Percursos Possíveis

É sabido que o modelo interpretativo da arte parietal de André Leroi-Gourhan não só tinha em conta a associação entre os temas aí presentes como também a sua dispersão pelos diferentes espaços da gruta. Mesmo que nunca o tenha referido explicitamente, implícito na sua tese era o facto desses diversos espaços serem experienciados sequencialmente. É, aliás, sintomático o autor referir que a gruta ideal seria simplesmente um corredor (Leroi-Gourhan, 1995, 149). Isto é, que não oferecesse alternativas de percursos e permitisse assim a leitura de todo o discurso que nela estivesse contido. Ora, se é certo que nem todas as grutas dispõem apenas de um itinerário linear é ainda mais certo que a arte de ar livre aparentemente não dispõe de nada que constranja o movimento de forma a se proceder a uma leitura pré-definida do discurso aí contido... Mas será mesmo assim?

Como procuraremos demonstrar, julgamos que não. No entanto, e como um dos autores referiu já, é a ambiguidade de que resulta a pergunta atrás feita que torna a arte de ar livre tão relevante socialmente (Santos, no prelo). Na verdade, experienciamos uma estação de ar livre de formas muito específicas sem disso nos apercebermos. Ou por outras palavras, se o nosso movimento no interior de um edifício ou de uma gruta é claramente estrangido por barreiras físicas, esse fenómeno não é tão claro numa estação rupestre porquanto os movimentos aqui são guiados pela própria percepção, encarada aqui como um processo sinestético – um trabalho do corpo enquanto sente e se move (Casey, 1996, 18). Na medida em que esse processo é feito sem que praticamente dele nos apercebamos, um sítio deste género é muito mais eficaz que uma gruta ou edifício de criar/condicionar/reforçar o nosso *habitus* (Bourdieu, 2002, 163-184). Na verdade é através destes mecanismos que condicionam a percepção inconsciente das coisas que se vão interiorizando os

¹⁴ Aos fragmentos encontrados em muro existente abaixo da rocha 6 foi atribuído o n.º 15. Consequentemente, em termos de inventário, dispomos de 20 rochas. Por outro lado, há ainda que desenhar e estudar as rochas 18 e 26 que poderão conter respectivamente um “sinal” e um quadrúpede de cronologia Magdalenense. Já a rocha 25 não fosse a frescura evidenciada pelos sulcos nela presentes e poderíamos estar também perante “sinais” daquele período.

“jogos estruturais que fascinam o etnólogo” entre as comunidades sem escrita (Bourdieu, 2000, 186, nota 2). Entre esses “jogos estruturais” devemos contar as relações entre determinado “discurso rupestre”, os *lugares* onde aquele se encontra e as pessoas que os experienciam.

Dito isto, como podemos nós definir percursos nos sítios que agora tratamos? Começemos pela Penascosa.

A distribuição de painéis pela estação é ao longo do sopé. A sua leitura sequencial admite, portanto, apenas dois percursos – ou Sul-Norte ou Norte-Sul. Contudo, se valorizarmos a orientação dos animais como indicadores de movimento, este é certamente processado de norte para sul. É verdade que da análise de 10 grutas que Leroi-Gourhan fez da arte parietal não lhe pareceu relevante a orientação dos motivos (Leroi-Gourhan, 1972, 300). Contudo, a circulação por uma gruta é bastante mais linear, sendo as guias de movimento redundantes. No entanto, mesmo em gruta esta situação pode ter-se dado como admite R. Pigeaud para o bisonte 14 da gruta de Mayenne-Sciences (Pigeaud, 2004, 90-91).

Pelo que atrás dissemos, é evidente que a maior parte das gravuras que considerámos Gravetto-Solutrenses nos painéis atrás referidos se encontram orientadas para a direita. De facto assim é, encontrando-se os resultados descritos na tabela 1¹⁵.

Rocha	Eq.		Bov.		Bodes		Cabras		Veados		Corças		Salm.		Quad.		Total parcelar		Total	
	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.		
11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	2	3	3
2	0	0	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	2	2	4	4
3	0	1	4	1	1	8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	10	15	15
4	1	3	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3	6	9	9
5	2	6	5	4	1	2	0	0	0	0	2	1	0	1	0	1	10	15	25	25
6	2	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	2	5	5
7	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1
9	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1
8	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	3	3
Total parcelar	6	11	9	6	4	15	0	1	1	2	2	1	0	1	3	6	25	43		
Total	17		15		19		1		3		3		1		9		68			

Tab. 1: Distribuição dos temas e respectivas orientações pelas rochas Gravetto-Solutrenses da estação da Penascosa.

Como se pode observar, em praticamente todas as rochas a maioria dos temas encontra-se orientado para a direita. Mesmo as excepções são bastante compreensíveis. Uma corresponde à rocha 2 cujo número de temas orientados para a esquerda é o mesmo que para a direita. No entanto, esta localiza-se imediatamente por cima da rocha 3, admitindo-se portanto que a leitura seria efectuada no mesmo momento. Deste modo, obtemos 12 animais para a direita e 5 para a esquerda. A outra excepção é a rocha 6. Esta rocha conjuntamente com a 7, 9 e 8 encontra-se num relevo que, como dissemos atrás, se destaca do resto da vertente. Ao chegarmos aí, observamos todas as rochas em simultâneo, sendo a 6 a que se encontra mais acessível. No entanto, se aqui o número de animais para a direita fosse igual ao dos que se orientam para a esquerda, ficaríamos na dúvida para qual nos dirigiríamos seguidamente, na medida em que já tínhamos visto as restantes. Que a seis nos remeta para a esquerda (ou seja, na direcção da 7) é um facto que pode ser explicado pela referência à ordem pela qual estas rochas deveriam ser experienciadas que, deste modo, seria aqui 6 – 7 – 9 – 8. Se valorizarmos o aspecto da orientação dos animais, esta é a única possibilidade de leitura sequencial, uma vez que as restantes rochas apresentam a maioria dos animais virados para a direita.

Para além desta situação ser em si uma evidência que não estamos perante uma mera coincidência, a própria comparação com a situação da Quinta da Barca a isso nos impele. Na verdade, ao contrário da

¹⁵ O leitor interessado poderá confrontar a tabela com a publicação destas rochas (Baptista e Gomes, 1997, 327-406). A única até aqui inédita era a rocha 1 (aqui publicada na fig. 3).

Penascosa onde quase o dobro das figuras se orienta para a direita, na margem oposta a situação é inversa, como se verifica na tabela 2.

Rocha	Eq.		Bov.		Bodes		Cabras		Veados		Rup.		Hib.		Quad.		Total parcelar		Total
	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	
1	4	4	5	3	1	2	0	0	2	1	0	0	0	0	2	0	14	10	24
2	1	0	0	0	0	0	2	0	2	1	0	0	0	0	1	2	3	6	9
4	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2	1	4	2	6
5	1	1	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	6	1	7
6	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
8	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2
9	1	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	5	1	6
10	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2	1	3
11	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	3
12	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
13	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	3
14	0	1	0	2	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	5	7
15	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1
17	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3
18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1
19	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
20	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
21	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	4
22	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
27	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
28	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	2
29	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2
Total parcelar	12	13	11	10	8	9	2	3	6	2	1	0	0	1	10	3	50	41	
Total	25		21		17		5		8		1		1		13				91

Tab. 2: Distribuição dos temas e respectivas orientações pelas rochas Gravetto-Solutrenses da estação da Quinta da Barca.

Se logo numa análise global verificamos isto, uma observação mais profunda vem reforçar ainda mais este aspecto. Como referimos, a distribuição das rochas por esta margem não é linear como na Penascosa. Na verdade, aqui são admissíveis vários percursos, sendo o mais evidente destes o que segue a ribeira da Quinta da Barca (Percurso I). Os painéis aqui encontram-se perpendiculares a este curso de água sendo que a sua observação sequencial só se consegue de jusante para montante. Isto é particularmente evidente no conjunto formado pelas rochas 2 (Fig. 4), 1, 4 (Fig. 5) e 5 (Fig. 6)). Uma vez que todas as rochas ao longo deste percurso se localizam na margem esquerda da ribeira, e se o percurso como nos pode indicar a orientação dos painéis é efectuado de jusante para montante, isto implica que a maioria das figuras se encontrem orientadas para a esquerda. Observemos então a tabela 3.

Rocha	Eq.		Bov.		Bodes		Cabras		Veados		Rup.		Hib.		Quad.		Total parcelar		Total
	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	
6	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
1	4	4	5	3	1	2	0	0	2	1	0	0	0	0	2	0	14	10	24
27	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
2	1	0	0	0	0	2	0	2	1	0	0	0	0	0	1	2	3	6	9
4	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	1	4	2	6
5	1	1	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	6	1	7
10	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2	1	3
11	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	3
12	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Total parcelar	8	6	10	3	1	4	2	3	6	2	0	0	0	0	7	3	34	21	55
Total	14		13		5		5		8		0		0		10				55

Tab. 3: Distribuição dos temas e respectivas orientações pelas rochas Gravetto-Solutrenses do Percurso I da Quinta da Barca.

A primeira observação a ter em conta é aqui verificar-se que aumenta a diferença entre o número de figuras orientadas para a esquerda e para a direita. A segunda é que a rocha 1 não se encontra ainda totalmente desmontada, vindo o número de figuras seguramente a aumentar e consequentemente podermos vir a verificar uma alteração da distribuição dos temas. A terceira observação a ser feita é a existência de uma clara excepção à

regra na rocha 2¹⁶. Contudo a figura que claramente aqui se destaca é o enorme veado que embora com duas cabeças apresenta o corpo orientado para a esquerda. O destaque desta figura não se deve exclusivamente ao seu tamanho (o cavalo da rocha 5 da Penascosa não se destaca como este animal) mas também à desproporção em relação às restantes figuras do painel e à ausência de sobreposições. Isto é particularmente relevante na medida em que podemos admitir que aos gravadores nunca escapou a necessidade de manter explícita a mensagem implícita no cervídeo em causa. Se tivermos em conta a densidade das sobreposições das rochas em volta (1 e 4), esta hipótese interpretativa reveste-se da maior das probabilidades. Por outro lado, há ainda que ter em conta que a proximidade das rochas 1, 2 e 27 nos permite admitir a hipótese da sua leitura conjunta (tal como a exposta para os casos das rochas 2 e 3 da Penascosa) e assim obteríamos 17 animais para a esquerda e 15 para a direita. Mesmo que nenhuma destas hipóteses se revelassem verosímeis, a verdade é que a distância entre os painéis 1, 2, 27, 4 e 5 aliada à orientação dos mesmos fala *per se* quanto à forma como nos devemos aqui deslocar. É assim altamente provável a existência de um percurso ao longo da ribeira até à rocha 12. Mesmo a rocha 3 (situada uns metros a montante da rocha 10), pese o facto de aparentemente ser mais recente¹⁷ obedece ao padrão estabelecido.

No entanto, como atrás referimos o veado da rocha 2 apresenta duas cabeças. Ora, se em vez de seguirmos a orientação da esquerda (a principal, porque definida por cabeça e corpo) optarmos pela direita, dirigimo-nos para a rocha 8 situada já na vertente. A partir deste pressuposto, partimos portanto do princípio que a visualização sequencial deste outro percurso (Percurso II) era feito de sul para norte, ou seja, que a maioria das figuras dos painéis, ao contrário da tendência geral da estação, se orientam para a direita. Observemos então a tabela correspondente.

Rocha	Eq.		Bov.		Bodes		Cabras		Veados		Rup.		Hib.		Quad.		Total parcelar		Total
	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	e.	d.	
8	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2
9	1	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	5	1	6
18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1
19	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
20	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
21	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	4
22	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Total parcelar	3	5	0	2	3	2	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	7	10	17
Total	8		2		5		0		0		0		1		1				17

Tab. 4: Distribuição dos temas e respectivas orientações pelas rochas Gravetto-Solutrenses do Percurso II da Quinta da Barca.

Numa primeira abordagem começamos por verificar que de uma forma geral, acontece o esperado. A maioria das gravuras orienta-se para a direita. No entanto, ocorrem duas excepções, uma delas de extrema importância. A primeira corresponde à rocha 8 (Fig. 7) que apresenta dois cavalos, orientado cada um para o seu lado, sendo portanto o seu efeito de orientação neutro. A segunda trata-se da rocha 9 que nos remete claramente para a esquerda, ou seja para a rocha 1. Uma vez que aquela rocha se encontra já a norte da rocha 8 parece-nos uma contradição. Contudo...

... Contudo, o primeiro aspecto a ter em conta é que se encontra a uma cota mais baixa (na verdade, junto ao rio, só sendo actualmente acedida por barco) e que seria visualmente potencialmente mais acessível que a anterior. Outro aspecto que nos pode ajudar a compreender esta excepção prende-se com a relação entre a Penascosa e a Quinta da Barca. Referimo-nos que ambas as estações se relacionariam. Referimos que a última rocha a ser percebida na Penascosa seria a rocha 8 e que a primeira da Quinta da Barca seria a rocha 6. A passagem de um sítio para o outro poderia ser efectuada pela cabra que na rocha 8 nos olha de frente (Fig. 9), ou melhor, que olha de frente para a foz da ribeira da Quinta da Barca, remetendo, portanto, para lá o leitor. No entanto, ao chegarmos lá, e admitindo que as figuras se veriam bem, as rochas que melhor se leriam seriam a 8 e a 9. Sendo a primeira neutra e a segunda situando-se mais perto, podemos supor que

¹⁶ Fotografia publicada em Baptista, 1999a, 114.

¹⁷ Confrontar com a nota 9.

esta estaria a cumprir uma função primordial: a de reforçar a necessidade de subir a ribeira, tanto para começar o Percurso I (ao longo da ribeira) como o Percurso II (que, ao longo da vertente, arrancaria da 8), ou dito por outras palavras, a necessidade de experienciar o conjunto composto pelas rochas 1, 2 e 27. Uma outra hipótese explicativa para a excentricidade da rocha 9 no nosso modelo interpretativo prende-se com a rocha 3 da Penascosa. Aqui, como se sabe, existe também uma cabra que nos olha de frente, ou melhor que olha a Quinta da Barca de frente, não já a ribeira mas precisamente a zona onde se localiza a rocha 9. Será a gravação das rochas 4 a 9 da Penascosa posterior a um primeiro santuário já distribuído por esta estação e Quinta da Barca? Com os dados que dispomos de momento não podemos confirmar ou infirmar tal hipótese.

Mas voltemos às restantes rochas da Quinta da Barca. Referimos que quatro destas se encontram a cotas elevadas. De sul para norte são elas a 13, a 15, a 16 e a 17 (Fig. 9). O acesso mais fácil para a primeira é feito a partir do percurso da ribeira. Na verdade, a cerca de 50 m da rocha 10 (e da rocha 3) o percurso bem definido da ribeira alarga, fruto da confluência da linha de água que define a estação a oeste e de um corgo de menor importância. Ora, se seguirmos aquela primeira linha de água deparar-nos-emos com a dita rocha 13. Esta apresenta um grande bode para a direita e duas pequenas cabras para a esquerda. Estas últimas estão posicionadas paralelamente ao próprio desnível do terreno e por conseguinte, remetendo-nos para o percurso de onde viemos. Por outro lado, o grande bode envia-nos para a direita na direcção da rocha 15 onde se encontra a cabeça do que foi um grande cavalo também ele orientado para a direita, ou seja, para a rocha 16. Nesta apenas encontramos uma pequena camurça orientada para a esquerda. Corresponde esta excepção à única que dificilmente explicamos. A rocha encontra-se bastante fracturada e o animal é bastante mais pequeno que o da anterior e que os da rocha seguinte (17) que, por outro lado, é o elemento mais impressionante das redondezas (à excepção da 15) e aquele que mais nos chama a atenção. Deste modo, a excentricidade desta rocha pode ser explicada de uma das seguintes maneiras: o elevado grau de destruição da rocha aliado à pequena dimensão da figura em relação aos das rochas circundantes pode ser sinal de que nos faltam animais; a indicação seria redundante devido à profunda impressão visual causada pela rocha 17 que *per se* já nos leva lá.

Debrucemo-nos agora sobre as rochas que ladeiam o terraço referido acima. A este acedemos sempre a partir da ribeira, seja pelo primeiro corgo a contar de jusante (onde encontramos as rochas 28 e 29 no limite leste do degrau), seja a partir do segundo corgo (o que desemboca no alargamento da ribeira atrás referido) onde se localiza a rocha 14 (no limite oeste do degrau). Em relação às primeiras, estas parecem reencaminhar-nos para trás (rocha 28: uma cabra e um quadrúpede orientados para a esquerda; rocha 29: um cavalo para a esquerda e um auroque com duas cabeças para a direita). Que estas rochas poderão ter servido de “beco simbólico” poderá ser uma hipótese ainda mais fortalecida pelo propositado apagamento das figuras da rocha 29 ainda em tempos pré-históricos¹⁸. Que a ênfase estava colocado em apagar o auroque (virado para a direita, como lembramos) não há sombra de dúvidas – os picotados destrutivos mais intensos seguem precisamente a sua delimitação (Fig. 10). Já a rocha 14 apresenta a maioria dos seus animais para a direita. Estas rochas não parecem relacionar-se com qualquer dos percursos, aparecendo-nos antes como relacionadas apenas com a especificidade do terraço. Contudo é extremamente pertinente referir que a rocha 15 é bastante impressionante quando vista daqui, sendo admissível que o acesso a ela se pudesse fazer também a partir deste ponto. Ora o número de caprínos (dois bodes e um outro cujos chifres não se observam) que apresenta a 13 é o mesmo dos que se encontram aqui. Ao nível da leitura, a diferença encontra-se, portanto, nos dois bóvidos e no equídeo que esta rocha apresenta também

Ora, cada um dos percursos a que referimos desenvolvem-se ao longo de áreas que apresentam características geomorfológicas bastante distintas entre si. Assim, as rochas da Penascosa desenvolvem-se ao longo da praia, sendo bastante acessíveis e permitindo amplas audiências. Na Quinta da Barca, todos os

¹⁸ É verdade que não poderemos aferir precisamente a altura da Pré-história em que se deu tal fenómeno. Contudo, é bastante pertinente ser o único caso que conhecemos de uma destruição deliberada de motivos cuja antiguidade é assegurada pela pátina que se confunde já com a das próprias gravuras. Este fenómeno é completamente distinto dos apedrejamentos do corpo dos animais, presente por exemplo na rocha 2 da Quinta da Barca ou na rocha 17 da Canada do Inferno.

percursos são efectuados ao longo de áreas que apenas permitem audiências bastante reduzidas. Um destes dá-se ao longo da ribeira, exercendo o relevo um forte constrangimento à deslocação. Ao longo da vertente do Côa, o caminho é bastante acidentado, tornando-se mais cansativo que o da ribeira. Contudo, as últimas três rochas são facilmente avistadas da margem oposta. Ao nível do esforço físico o pior dos percursos é o do alto. Na verdade, qualquer das alternativas de acesso atrás referidas são bastante cansativas, assim como o próprio andar pela declivosa vertente. Qualquer uma destas “unidades geomorfológicas” apresentam, portanto, importantes diferenças que condicionam a sua percepção e conseqüentemente potenciam a sua utilização. Por outro lado, também o terraço pelas suas particularidades físicas (zona de relativa planura, abundância de seixos de quartzito, etc.) poderá ser encarado como outra “unidade geomorfológica”. O nosso passo seguinte é tentar demonstrar que a estas unidades geomorfológicas correspondem unidades simbólicas também distintas entre si e que são expressas pela distribuição dos animais pelos percursos.

IV. Variações Temáticas ao Longo dos Percursos

Antes de começarmos será de toda a conveniência explicitar que os temas correspondem às espécies animais. As únicas excepções correspondem à distinção que fazemos entre veados e corças, opção já tomada por outros autores (Sauvet *et alii*, 1977; Sauvet e Sauvet, 1979; Sauvet, 1988; Sauvet e Włodarczyk, 1995) e cabras e bodes. Estas opções devem-se ao dimorfismo sexual de ambas as espécies bem patente nas representações.

A primeira unidade simbólica que consideramos é a Penascosa (Fig. 11. I). Ao seu carácter amplo e aberto, potenciador de grandes audiências e de fácil progressão, corresponde a maior variedade temática de todos os percursos como se pode verificar no gráfico 1.

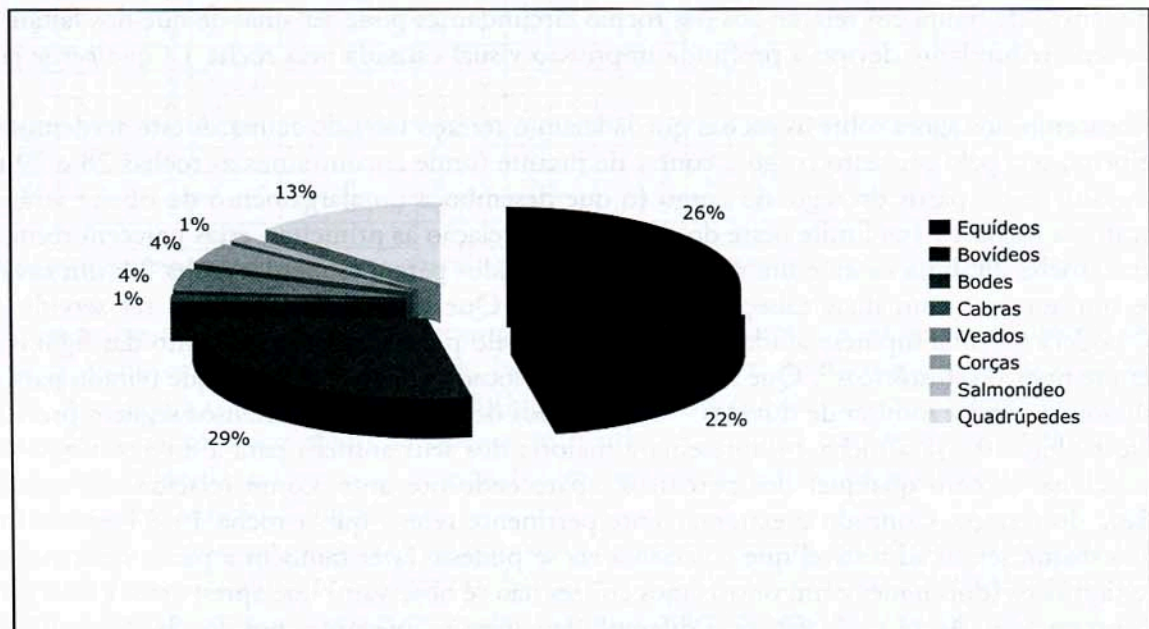


Gráfico 1: Variabilidade temática da Penascosa.

Vários aspectos são específicos desta área: a exclusividade das corças e dos peixes. É também a única área onde os caprídeos são a espécie dominante – 19 machos e uma fêmea, perfazendo um total de 30% das representações identificadas. Os bovídeos com 22% e os equídeos com 26% têm também um papel extremamente relevante ao contrário dos cervídeos que, no seu conjunto, correspondem a apenas 8%. Outro aspecto que podemos comparar é a distribuição da informação ao longo do percurso, também ela bastante sugestiva, como se observa no gráfico 2. Na verdade, como é visível, a maior parte do “discurso” é-nos

fornevido na área central do percurso, concentrando-se todos os temas disponíveis na área entre as rochas 2-3 e 5. Antes dessas, apenas encontramos veados (curiosamente, um dos animais de “entrada” de Leroi-Gourhan) e quadrúpedes não identificados. Para além dessas, apenas bodes, auroques (um apenas), cavalos, a única cabra e quadrúpedes não individualizados. Tanto as corças como o salmonídeo se concentram na rocha 5 (a que concentra maior variedade e quantidade de temas). Como referimos também, é a rocha 8 que, recorrendo à sua cabra de face nos remete para a Quinta da Barca.

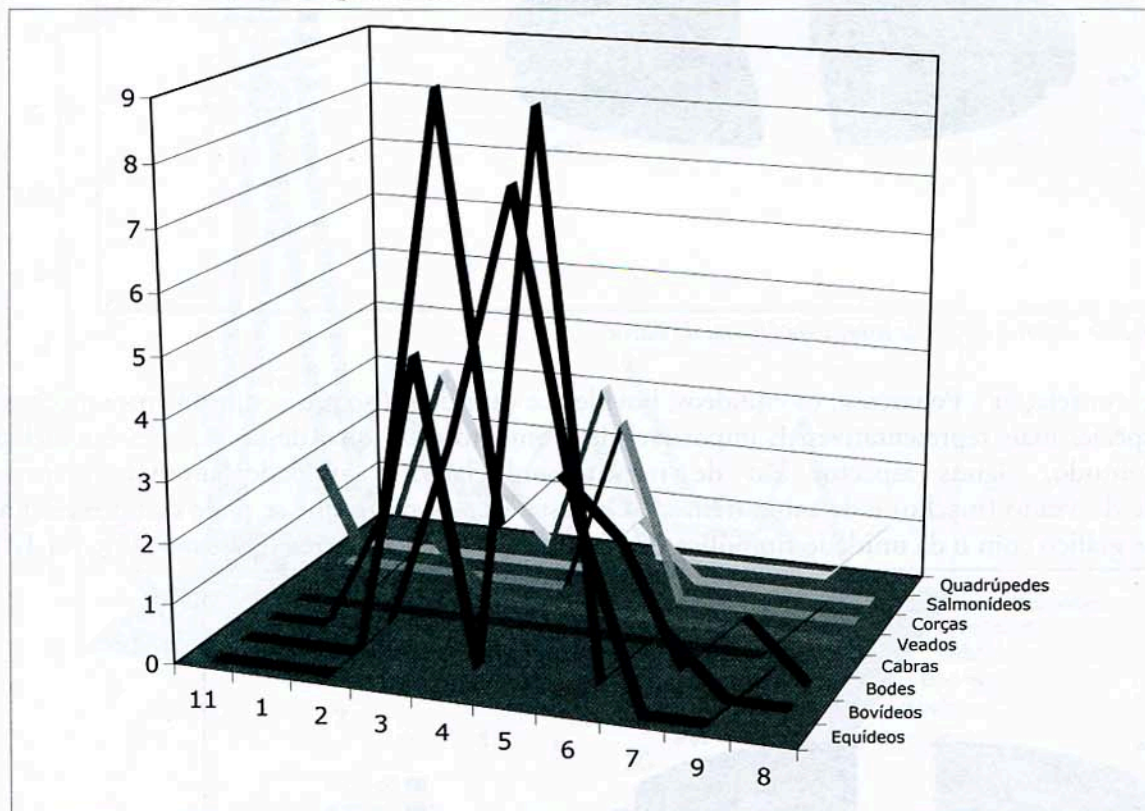


Gráfico 2: Variabilidade temática ao longo do percurso da Penascosa.

Na Quinta da Barca, todos os percursos têm em comum, como vimos, o conjunto formado pelas rochas 9-6-1-27-2. Estas serão tidas em conta na análise dos Percursos I e II. Da mesma maneira, em relação ao percurso III, será tido em conta todo o troço do I até à rocha 10. Já as “unidades simbólicas” só terão em conta as rochas específicas de cada “unidade geomorfológica” onde se encontram. Deste modo, se perceberá muito mais facilmente as suas especificidades. Na medida em que o conjunto de rochas 9-6-27-2 se encontram exemplares que *stricto sensum* se encontram tanto na vertente (9 e 6) como na ribeira (1 e 2) mas que são comuns a todos os grupos, serão analisadas ao nível da variabilidade temática no seio de uma “unidade simbólica de passagem” que poderemos denominar como foz da “ribeira da Quinta da Barca”.

Ora, é sobre a variabilidade temática desta “unidade simbólica de passagem” (Fig. 11.II) que agora nos debruçaremos, tendo sempre presente que a rocha 1 não se encontra ainda totalmente desmontada e que por isso o nível de conclusões a que podemos chegar é ainda de carácter bastante generalista. Tendo este aspecto sempre presente observemos o gráfico 3 onde se observa a relação intertemática presente no conjunto a que nos reportamos.

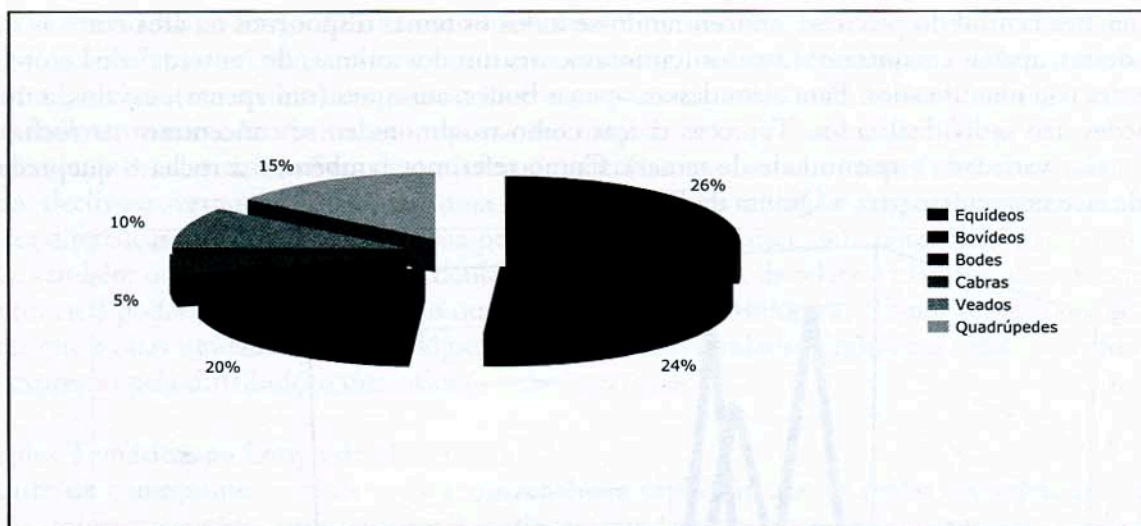


Gráfico 3: Variabilidade temática da foz da Ribeira da Quinta da Barca.

Tal como em relação à Penascosa, os equídeos, bovídeos e caprídeos (no seu conjunto entre machos e fêmeas) são as espécies mais representativas. É impossível de momento dizer qual destas espécies é a melhor representada. Contudo, alguns aspectos são de relevar em relação à unidade anterior: a maior representatividade do veado (macho) e da cabra (fêmea). Ora este é um aspecto que se pode compreender ao compararmos este gráfico com o da unidade simbólica da ribeira da Quinta da Barca (gráfico 4) (Fig. 11.III).

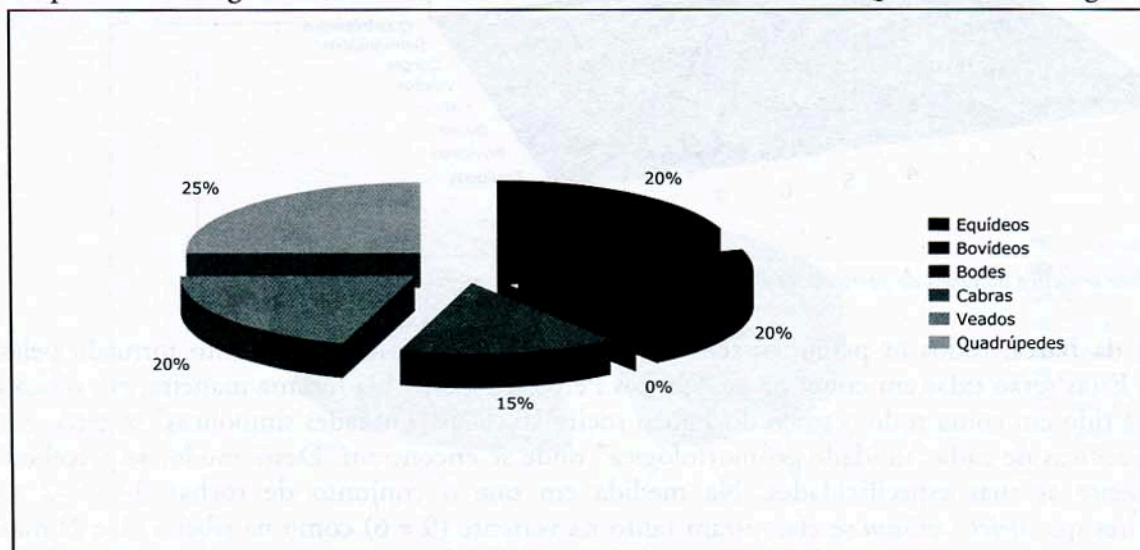


Gráfico 4: Variabilidade temática da Ribeira da Quinta da Barca.

Como se pode observar e pese o “ruído” provocado pelo número de quadrúpedes não identificados, verificamos alguns aspectos altamente pertinentes, alguns deles exclusivos. Em primeiro lugar o peso das cabras que na zona de foz já se sentia a subir ganha de tal forma proeminência que os bodes deixam de se representar¹⁹. Em segundo lugar, os veados vêm a sua posição relativa a melhorar também. Na verdade, ao nível das relações intertemáticas, existe o mesmo número de cavalos, auroques e veados, sendo este último animal o que em termos de tamanho mais se destaca ao longo do percurso. Se tivermos em conta apenas o

¹⁹ Situação que se altera com a gravação da rocha 3, onde um bode é gravado, mas também uma cabra (e um outro animal provavelmente da mesma espécie mas cujo sexo não é possível identificar).

troço em comum entre o Percurso I e o III (ou seja, até à rocha 10), verificamos que as cabras deixam de existir e que os cavalos perdem preponderância em relação aos veados e auroques. Vejamos agora a variabilidade ao longo do Percurso I (zona da foz e toda a ribeira) (gráfico 5).

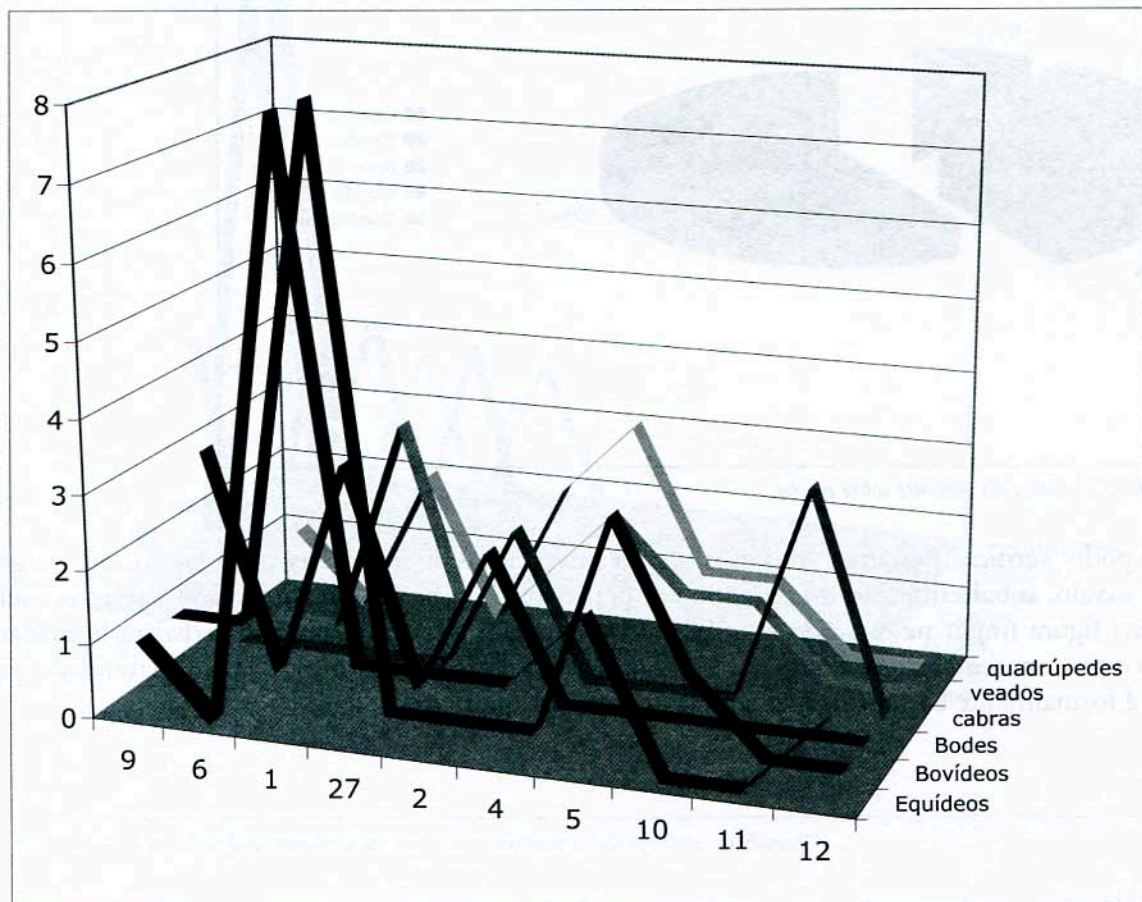


Gráfico 5: Variabilidade temática ao longo do Percurso I da Quinta da Barca.

Trata-se também de uma imagem muito sugestiva. Como se pode observar, ao contrário do percurso anterior, o máximo da informação encontra-se no início, concentrando a rocha 1 o número máximo de representações por espécie. É altamente visível também a presença constante do veado ao longo do troço em comum com o percurso III. Na verdade, a única quebra corresponde à rocha 27 que poderá ter sido lida (como já fizemos referência) em conjunto com a 1 e a 2. Extremamente interessante também é o “subparalelismo” entre as curvas dos cavalos e dos auroques. Finalmente, será de destacar o facto do percurso terminar com três cabras (rocha 11) e um enorme cavalo (rocha 12), animais subalternizados ao longo do percurso específico da ribeira.

Outra unidade simbólica passível de ser definível é a da vertente sobre o Côa (Fig. 11.IV). Olhemos para a sua variabilidade temática, expressa no gráfico 6.

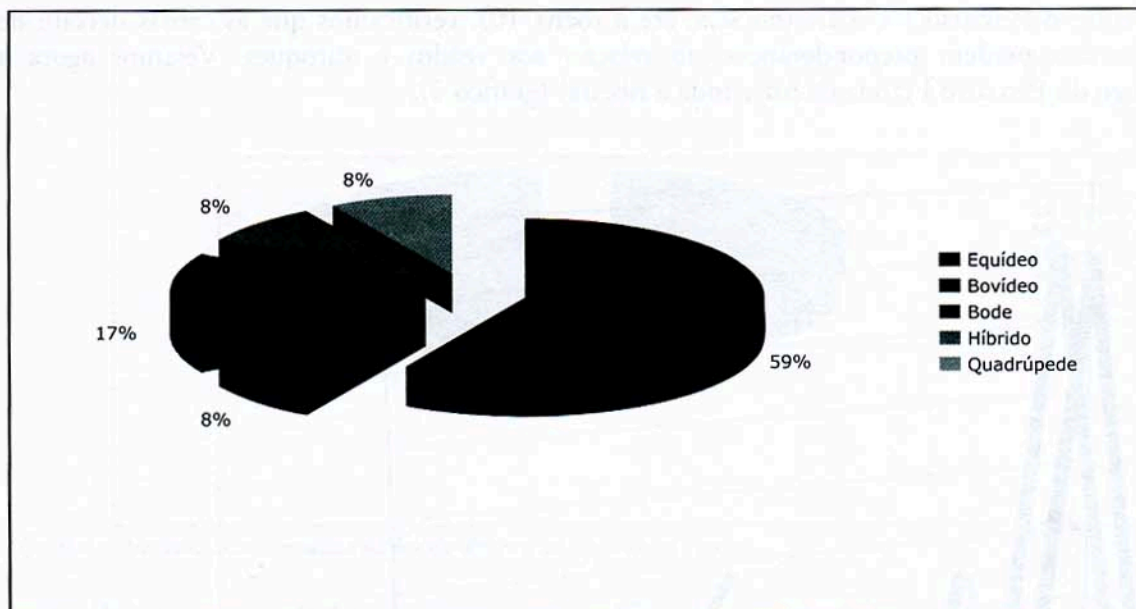


Gráfico 6: Variabilidade temática da vertente sobre o Côa.

Como se pode verificar, estamos numa situação inversa à anterior: ausência do veado, larga predominância do cavalo, subalternização do auroque em detrimento do bode. Por outro lado, estamos aqui em presença de uma figura ímpar na estação: o ser híbrido da rocha 18 que mistura características humanas (cabeça, pescoço, costas, anca e barriga) com outras zoomórficas (posição e cornos)²⁰. Já a variabilidade ao longo do Percurso é formalmente bastante semelhante à do anterior (gráfico 7).

²⁰ Aproximando-se conceptualmente dos “feiticeiros” de Trois-Frères.

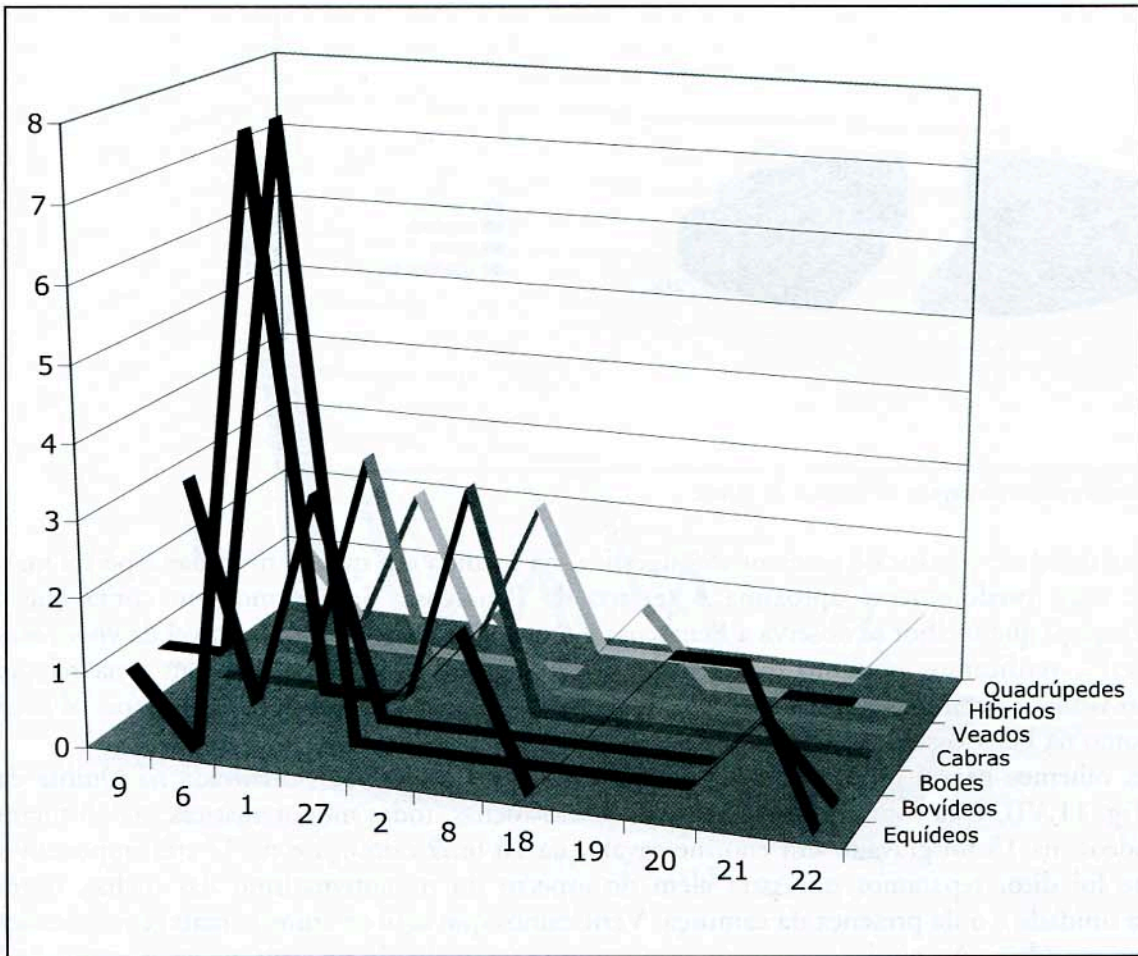


Gráfico 7: Variabilidade temática ao longo do Percurso II da Quinta da Barca.

Ou seja, a maior parte da informação está contida no início (na unidade da foz da ribeira). Por outro lado, tal como os veados e auroques no percurso anterior, o cavalo está aqui omnipresente, apenas não existindo na rocha onde se encontra o híbrido. Também como no caso anterior o percurso termina não com o animal mais representativo mas com um imponente bode.

Observemos agora a única **unidade simbólica** que não tem um Percurso próprio – a **do terraço** (Fig. 11.V). Nela só se encontram três rochas: duas no canto sudeste (números 28 e 29) e uma a oeste (número 14). A sua variabilidade temática encontra-se expressa no gráfico 8. É evidente a predominância do bode. Se tivermos em conta que existem fortes possibilidades dos quadrúpedes não identificados aqui localizados corresponderem a caprídeos, a representatividade desta espécie ainda sai mais reforçada.

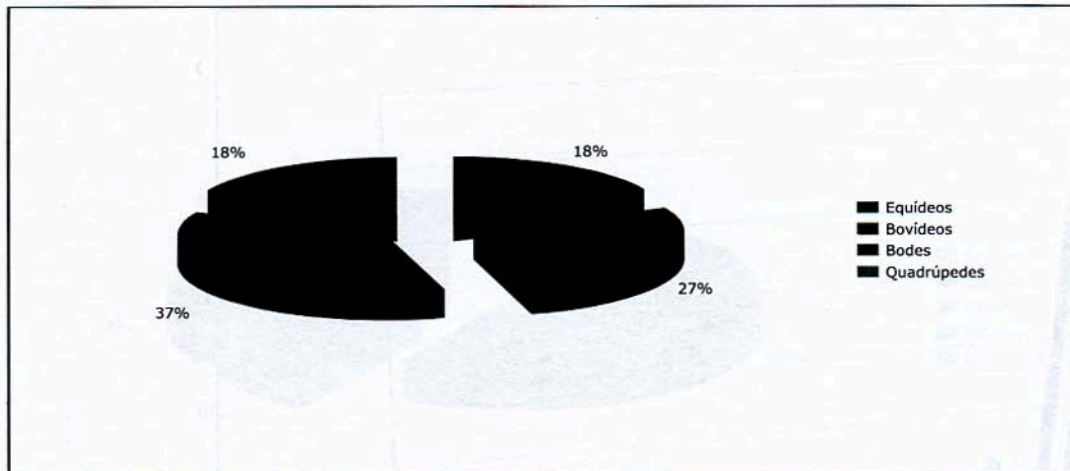


Gráfico 8: Variabilidade temática do degrau da Quinta da Barca.

Ora, esta variabilidade temática é sumamente sugestiva, na medida em que ao nível das espécies mais representadas e da mais predominante aproxima o terraço da Penascosa. Se tivermos em conta que é precisamente deste espaço que melhor se observa a Penascosa e o que aí se passa (não só ao nível da visão, mas também da audição)²¹, verificamos portanto que a uma relação perceptual equivale também uma relação “semântica”. Como vimos e veremos, esta unidade é a única desta margem em que o bode é o animal mais representado (tal como na Penascosa).

Finalmente, olhemos para a última **unidade simbólica** passível de ser individualizada na Quinta da Barca: a **do alto** (Fig. 11.VI). Esta é composta por apenas quatro rochas, todas monotemáticas: na 13 foram gravados três caprídeos, na 15 foi gravado um enorme cavalo, na 16 uma camurça e na 17 três imponentes auroques. Pelo que foi dito, reparamos que para além do aspecto do monotematismo das rochas, outra especificidade desta unidade é o da presença da camurça. Verificamos que aqui os animais mais representados são os auroques e os caprídeos. Ao nível do percurso, este tem que ser analisado no seguimento de parte do I (entre a unidade da foz da ribeira e a rocha 10 situada já na unidade da ribeira), tal como se encontra representado no gráfico seguinte.

²¹ Na verdade, as rochas da vertente, embora situadas mais perto, apanham com toda a vegetação que corta a visibilidade para a Penascosa. Evidentemente, esta situação poderia não passar-se no Paleolítico, mas sendo o Côa um rio bastante mais caudaloso nesse período, existem fortes possibilidades da situação ter sido, no mínimo, bastante semelhante à actual. Por outro lado, a própria posição a que nos obriga a forte pendente da vertente não favorece a observação ao contrário da regularidade do terraço que corresponde ao único sítio da Quinta da Barca que admite amplas audiências.

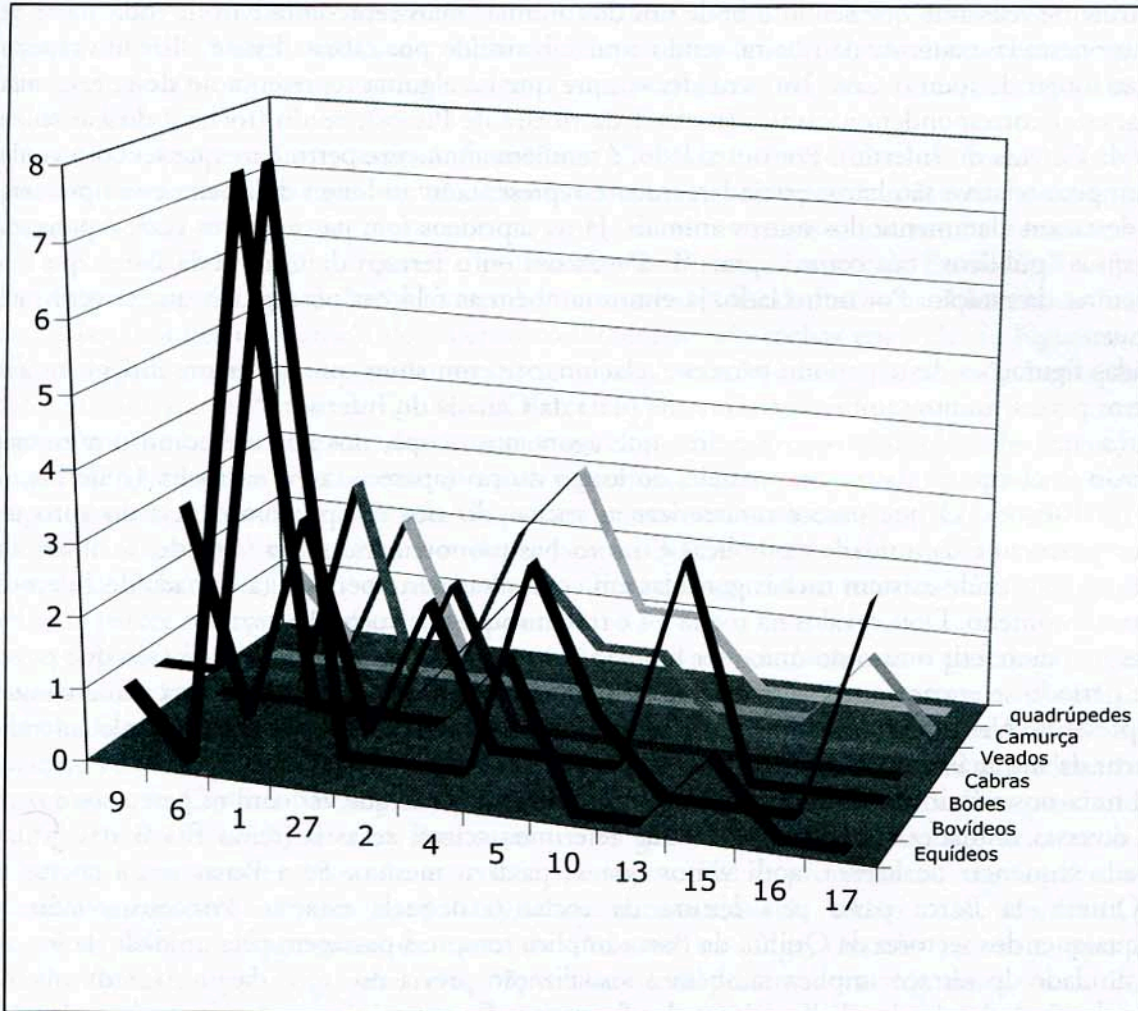


Gráfico 9: Variabilidade temática ao longo do Percurso III da Quinta da Barca.

É extremamente interessante o que este gráfico nos mostra. Na verdade, ao nível da informação, o que o observador ganha em seguir para o alto em vez de terminar o percurso I é apenas uma camurça e três auroques. Ou seja, a informação contida nas rochas 11 e 12 (que terminavam o Percurso I) é a mesma que existe nas rochas 13 e 15 próprias do percurso que agora nos ocupa (com a ressalva que em vez de três cabras, temos agora dois bodes e um caprídeo cujo sexo não é determinável). O aumento do esforço implica pouco mais mas pertinente informação: é o suficiente para acedermos à especificidade da camurça e para o auroque se destacar claramente do cavalo e do veado.

V. Análise Relacional

Alguns aspectos do que atrás foi exposto são extremamente relevantes porquanto demonstram relações estreitas entre as diversas unidades geomorfológicas e os animais que nelas aparecem. Num primeiro nível de análise, podemos desde logo reparar que os temas dominantes em cada uma delas são com uma exceção todos diferentes: assim na Penascosa e no degrau da Quinta da Barca destacam-se os caprídeos machos, na vertente sobre o Côa os cavalos, no alto as cabras e os auroques e na ribeira os veados, auroques e cavalos.

É particularmente relevante que sendo o bode um dos animais mais representativos de toda a arte do Côa, este se encontre nesta fase ausente da ribeira, sendo aqui substituído por cabras. Este é, aliás um aspecto que se vai repetir ao longo de todo o Côa. Na verdade, sempre que há alguma representação desta fase num subsidiário do Côa, estas correspondem a cavalos (rocha 1 da ribeira de Piscos), veado (rocha 2 do Fariseu) e auroque (rocha 40 da Canada do Inferno). Por outro lado, é também altamente pertinente que sendo o veado um animal com um peso relativo tão baixo esteja largamente representado ao longo da ribeira e sempre com proporções que o destacam claramente dos outros animais. Já os caprídeos (em particular os bodes) parecem relacionar-se com sítios “públicos” tais como a praia da Penascosa ou o terraço da Quinta da Barca que é o mais amplo dos sectores da estação. Por outro lado, já vimos também as relações perceptuais que se verificam entre estes dois locais.

Determinadas figurações deste período parecem relacionar-se com sítios que poderiam abrigar muitas pessoas: as corças e os peixes, ambos também presentes na praia da Canada do Inferno.

Já a camurça, que olhando apenas para a área que agora nos ocupa, nos aparece como um animal exclusivo do alto, não se comporta da mesma maneira ao longo do rio (aparece tanto na rocha 16 de Piscos como na rocha 1 do Fariseu). O que parece caracterizar as rochas do alto é a predominância do auroque (análise conjunta do percurso e da unidade simbólica) e das rochas monotemáticas. Na verdade, se olharmos para a outra estação do Côa onde existem rochas gravadas em cotas altas neste período (a Canada do Inferno) observamos o mesmo fenómeno. Dois cavalos na rocha 14 e três auroques na rocha 15²².

Finalmente, será de referir o caso do único ser híbrido até ao momento identificado no Côa que possa ser integrado neste período se encontrar na vertente em sítio altamente perigoso e associado ao percurso que mais cavalos nos apresenta. Neste sentido, ganha particular relevância a relação antropomorfo/cavalo inferida por G. Sauvet a partir da sua análise estatística (Sauvet, 1988, 13).

Por último resta-nos referir um último aspecto que tem directamente que ver com os percursos e com a relação entre as diversas unidades simbólicas. Pelo que referimos acima, se as barreiras físicas das grutas impõem determinada sequência de leitura, aqui vimos que se passa o mesmo. Se a Penascosa é aberta, a “descoberta” da Quinta da Barca passa pela leitura da rocha 6 daquela estação. Por outro lado, a experiência de qualquer dos sectores da Quinta da Barca implica sempre a passagem pela unidade da foz. A experiência da unidade do terraço implica também a visualização prévia do troço da unidade da ribeira pelo menos até à rocha 5. A do alto implica a leitura da ribeira (sendo que a informação das rochas 11 e 12 está contida na 13 e 15). Quer isto dizer que não só as unidades simbólicas são individualizáveis como também se relacionam entre si. Para se atingir determinadas há necessidade prévia de se passar por outras. Poderá esta ligação relacional entre as unidades simbólicas ter que ver com relações entre diversos aspectos da vida social?

VI. Reflexões Finais

Sauvet e Wlodarczik consideram a arte parietal paleolítica como a manifestação de um pensamento taxonómico que visa ordenar o “caos” do mundo (1995, 206). Partem, portanto do princípio que o *Mundo* é algo prévio ao lançamento do *Ser* nele. Não sendo essa a nossa perspectiva, uma vez que cremos ser a existência do *Mundo* dependente da existência do *Ser*, pensamos, no entanto, que a arte rupestre pode ser encarada, de facto, como uma manifestação da leitura desse mesmo *Mundo* e, conseqüentemente, da sua organização. Deste modo, e tendo sempre em conta a nossa divergência epistémica, não nos afastamos muito da interpretação daqueles autores. Contudo, e como referimos atrás, não nos parece segura a unidade

²² Referimo-nos apenas às figuras picotadas. Na rocha 14, o cavalo da direita parece sobrepor um cervídeo filiforme de contorno simples. Na rocha 15 entre várias figuras de contorno simples que são anteriores aos picotados, distinguem-se um outro auroque e um possível cavalo. Contudo, ao nível da percepção encontram-nos frente a lógicas completamente distintas e que poderão corresponder a períodos também distintos. Entre os aspectos que nos permitem levantar esta hipótese contam-se a morfologia muito tosca das figuras, as sobreposições que se dão sempre no mesmo sentido e a dispersão muito mais concentrada (até ao momento apenas identificadas na Canada do Inferno e, se bem que formalmente mais perfeitas, na rocha 1 do Fariseu).

semântica do fenómeno na sua globalidade, isto porque, precisamente o *Mundo* dos paleolíticos do Côa era seguramente diferente dos da área cantábrica. Pensemos então no *Mundo* dos primeiros e procuremos inferir a relevância do santuário em geral e da área Penascosa/Quinta da Barca em particular em tempos Gravetto-Solutrenses.

Esta área e a Canada do Inferno/Rego da Vide correspondem às duas maiores concentrações de gravuras Gravetto-Solutrenses no vale. Que estas estações correspondam aos sectores terminais do santuário²³ coevo não pode deixar de ser altamente relevante. Entre estes dois sítios, um conjunto mais esparsa distribuiu-se em torno do imponente monte Fariseu (rochas de Piscos a jusante da foz da ribeira epónima e o sítio do Fariseu propriamente dito). Imediatamente a montante da foz de Piscos reconhecem-se duas rochas. A jusante do Fariseu e antes da Canada do Inferno conhecem-se três rochas em Vale de Figueira e uma em Vale de Videiro. De momento pouco podemos dizer quanto à relação entre estes sítios, se bem que alguns pontos em comum com a área Penascosa/Quinta da Barca são já passíveis de ser identificados: por exemplo, os animais presentes nas ribeiras, a ligação dos auroques aos altos ou a presença nestes pontos das rochas monotemáticas. É, para já, prematuro dizer se estas estações repetem em parte o discurso da área Penascosa/Quinta da Barca ou se, por outro lado, o prolongam. O que nos parece ser razoavelmente possível afirmar é a individualidade da área sobre a qual neste texto nos debruçamos. Que as rochas Gravetto-Solutrenses, tanto na Penascosa como na Quinta da Barca, encontrem o seu limite setentrional junto do filão de quartzo clorítico atrás referido parece reforçar ainda mais este aspecto.

Antes de nos debruçarmos sobre o discurso propriamente dito procuremos perceber primeiro a importância do sítio em si. Por um lado, a praia da Penascosa é seguramente a zona do Côa que pode abrigar uma audiência maior. Por outro lado, se observarmos a relação espacial entre os sítios de *habitat* coevos e esta estação, verificamos uma relação extremamente interessante porquanto destes se acederia facilmente às rochas historiadas: da Cardina bastaria subir o rio, do planalto seguir a Ribeirinha. Esta proximidade espacial quase que faz da Penascosa/Quinta da Barca um centro gravitacional do quotidiano sincrónico. Por outro lado, a relação física entre estes sítios não se verifica apenas ao nível da proximidade mas também ao da deslocação de certos elementos intimamente ligados às gravuras para os sítios de *habitat*, como se infere a partir da existência de picos líticos e fragmentos de xisto da Desejosa na Olga Grande 14. Este tipo de relações físicas demonstram-nos que as gravuras estão constantemente presentes na vida das pessoas. Porquê? Certamente para que esteja sempre presente o discurso nelas contido, discurso esse que, como referimos, poderá corresponder à manifestação da leitura do *Mundo* e, conseqüentemente, da vida social.

Na verdade, se atentarmos ao que escrevemos nos pontos anteriores, verificamos que as relações de dependência entre as diversas unidades simbólicas poderão facilmente ser analogicamente conectadas com relações sociais. Assim, podemos encarar a Penascosa (sítio congregador de pessoas por excelência) como metáfora dos próprios grupos sociais, enquanto cada unidade simbólica da Quinta da Barca poderá relacionar-se com determinados sectores específicos dessas mesmas comunidades, sectores esses que podem ser definidos por diversos factores tais como a idade, o grau iniciático, o género ou outros, que não podemos de momento precisar. A título de exemplo, podemos apresentar um modelo em que o factor discriminatório é o género. Daqui poderia vir uma relação deste tipo: Vertente sobre o Côa+predomínio do cavalo+homem; ribeira+predomínio do auroque e veado+mulher; vertente do alto+predomínio do auroque+criança²⁴. Isto, voltamos a repetir, trata-se de um exemplo que ajuda a ilustrar o tipo de situação que poderia ocorrer. O exercício poderia ser feito com outros factores discriminatórios, nomeadamente os referidos acima. Para além deste aspecto, vimos também que entre as unidades simbólicas se estabelecem relações. Continuando com o nosso exemplo, verificaríamos assim a dependência das crianças em relação às mulheres. Ou seja, a estação não

²³ Obviamente que apartamos do santuário o sítio da Faia. Na verdade, tal como já foi proposto, este sítio parece poder ser interpretado mais como um marcador territorial do que como parte integrante do santuário propriamente dito (Baptista e García, 2002, 187)

²⁴ É sabido que em diversas comunidades de caçadores-recolectores ou mesmo de produtores incipientes as crianças até determinada idade são assexuadas (Yates, 1993, 48-52).

só manifesta diferenças entre elementos sociais como também relações entre eles. A unidade do terraço aproxima-se a diversos níveis, como vimos, da Penascosa. A sua presença na Quinta da Barca não é facilmente explicável, podendo ter servido de sítio de acolhimento aos indivíduos que por uma ou outra razão não poderiam prosseguir o percurso I e/ou III ou corresponder ainda a outro elemento social. A este título lembramos que o animal aqui preponderante é o bode (o que a afasta das restantes unidades simbólicas). No caso de ser esta a situação veríamos a dependência do elemento social representado por esta unidade em relação à ribeira.

Que a área da Penascosa/Quinta da Barca desempenhasse este papel criador/legitimador/reforçador de determinada realidade social não nos espanta, na medida em que, como lembrámos acima, é através destes processos que as comunidades sem escrita mantêm a sua estrutura social. Que este discurso seja feito recorrendo-se aos animais também não nos deve surpreender, uma vez que em múltiplas comunidades de caçadores-recolectores os animais são um interlocutor social tão relevante como os humanos (Ingold, 2000, em particular 69-76)²⁵. Que estes se relacionem com *lugares* específicos (a ribeira, as vertentes, o terraço) compreende-se pela importância simbólica que estes espaços desempenham entre as comunidades primitivas, apresentando um valor semântico próprio e altamente significativo no discurso social (Santos, no prelo).

Neste contexto, como se poderá compreender o papel desempenhado pelas rochas da foz da ribeira da Quinta da Barca? Dadas as características atrás descritas, em particular as da rocha 1, e tendo em conta a sua localização entre uma área pública por excelência (Penascosa) e outras mais restritivas (as diversas unidades da Quinta da Barca) esta zona aparece-nos como uma etapa em que o aspecto público anterior se dissolve (na rocha 1) para poder ser retrabalhada de outras formas nas unidades simbólicas posteriores. Desempenharia assim um papel semelhante ao das fases liminais das cerimónias iniciáticas (Turner, 1974, 120). Dentro deste contexto não só se percebe a “confusão” da rocha 1 como também a necessidade de por aqui se passar sejam quais forem os percursos possíveis. No fundo é esta unidade simbólica que estabelece uma relação de dependência entre a comunidade como um todo (Penascosa) e os diversos elementos que a compõem (as diversas unidades simbólicas da Quinta da Barca).

Pese o que atrás foi dito, não queremos dizer que quotidianamente esta área não fosse percorrida de outros modos (isto não podemos nem confirmar nem infirmar). O que admitimos é que periodicamente ela fosse experienciada da forma que aqui apresentamos, certamente no contexto de cerimónias cujas características agora nos escapam. Na verdade, este aspecto ajuda-nos a compreender uma potencial contradição do nosso modelo: sabendo que, com os dados que dispomos de momento, a Penascosa seria certamente acedida de sul, como poderia a sua experientiação correcta começar a norte? Simplesmente não podemos confundir o acesso com um percurso ritual.

Este texto deverá ser encarado como uma primeira abordagem à compreensão do santuário Gravetto-Solutrense do Côa. Certamente muitas questões estão ainda em aberto, entre as quais a articulação entre os diversos sítios ao longo do rio. Por outro lado, é visível a profunda diferença em relação ao santuário Magdalenense. Contudo, este carece ainda de uma análise análoga há que agora efectuámos. Só após essa fase estaremos em condições de melhor comparar as duas realidades e tentar explicar o porquê das mudanças. Todas estas questões não deixarão de nos inquietar e serão certamente objecto de alguns dos nossos trabalhos dos tempos mais próximos...

VII. Bibliografia citada

AUBRY, T. (1998), “Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1 (1), Lisboa, IPA, pp. 5-26.

²⁵ Por outro lado, na análise que este autor faz das figurações de animais entre comunidades de caçadores-recolectores (partilhem estas uma ontologia totémica ou animista, é extremamente relevante que em ambos os casos) aquelas aparecem-nos sempre como “revelações” mais que como “representações” “so as to reach deeper levels of knowledge and understanding” (Ingold, 2000, 130).

- AUBRY, T. (2001), “L’occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur” in ZILHÃO, J., AUBRY, T. e CARVALHO, A. F. (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique – Actes du Colloque de la Commission VIII de l’UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22 – 24 Octobre 1998*, Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 253-273.
- AUBRY, T. (2002), “Le Contexte Archéologique de l’Art Paléolithique à l’Air Libre de la Vallée du Côa” in SACCHI, D. (dir.), *L’Art Paléolithique à l’Air Libre. Le paysage modifié par l’image (Tautavel – Campôme, 7 – 9 octobre 1999)*, GAEP & GÉOPRÉ, pp. 25-38.
- AUBRY, T. E BAPTISTA, A. M. (2000), “Une datation objective de l’art du Côa”, *La naissance de l’art*, Paris [La Recherche Hors-Série, 4], pp. 54-55.
- AUBRY, T. e CARVALHO, A. F. de (1998), “O povoamento pré-histórico no Vale do Côa – Síntese dos trabalhos do P. A. V. C. (1995-1997)”, *Côavisão*, 0, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 23-34.
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2003a), “O método das remontagens de vestígios líticos: aplicação ao nível de ocupação gravettense do sítio de Olga Grande 14 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)” in MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA, M. (eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*, Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 19], pp. 327-330.
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2003b), “Remontagem de rochas termo-alteradas: um meio de reconstrução dos modos de funcionamento de estruturas de combustão no sítio de Olga Grande 4 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)” in MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA, M. (eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*, Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 19], pp. 331-335.
- AUBRY, T., MANGADO LLACH, X., SAMPAIO, J. e SELLAMI, F. (2002), “Open-air rock-art, territories and modes of exploitation during the Upper Palaeolithic in the Côa Valley (portugal)”, *Antiquity*, 76, pp. 62-76.
- AUBRY, T., MANGADO, J., FULLOLA, J. M., Rosell, L., SAMPAIO, J. D. (2004), “The Raw material procurement at the Upper Palaeolithic settlements of the Côa Valley (Portugal): new data concerning modes of resource exploitation in Iberia” in SMYNTYNA, O. V. (ed.), *The Use of Living Space in Prehistory: Papers from a session held at the European Association of Archaeologists. Sixth Annual Meeting in Lisbon 2000*, Oxford, Archaeopress [BAR International Series, 1224], pp. 37-50.
- BAPTISTA, A. M. (1999a), *No Tempo sem Tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*, Vila Nova de Foz Côa, CNART e PAVC.
- BAPTISTA, A. M. (1999b), “O Ciclo Artístico Quaternário do Vale do Côa”, *Arkeos*, 6 (2), Tomar, CEIPHAR, 197-277.
- BAPTISTA, A. M. (2001a), “The Quaternary Rock Art of the Côa Valley (Portugal)” in ZILHÃO, J., AUBRY, T. e CARVALHO, A. F. (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique – Actes du Colloque de la Commission VIII de l’UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22 – 24 Octobre 1998*, Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 237-252.
- BAPTISTA, A. M. (2001b), “Ocreza (Evendos, Mação, Portugal Central): Um Novo Sítio com Arte Paleolítica de Ar Livre”, in CRUZ, A. R. e OOSTERBEEK, L., *Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo II – Santa Cita e o Quaternário da Região*, Tomar, CEIPHAR [Arkeos, 11], pp. 163-192.
- BAPTISTA, A. M. (2004), “Arte Paleolítica de Ar Livre no Rio Zêzere (Barroca, Fundão)”, *Ebvrobriga*, 1, Fundão, Museu Municipal José Monteiro, pp. 9-16.
- BAPTISTA, A. M. (no prelo), “Arte Paleolítica do Vale do Côa” in FORTEA PÉREZ, F. (Ed.), *Atlas del Arte Paleolítico de la Península Ibérica*.
- BAPTISTA, A. M. e GARCÍA DÍEZ, M. (2002), “L’Art Paléolithique dans la Vallée du Côa (Portugal). La Symbolique dans l’Organisation d’un Sanctuaire de Plein Air” in SACCHI, D. (dir.), *L’Art Paléolithique à l’Air Libre. Le paysage modifié par l’image (Tautavel – Campôme, 7 – 9 octobre 1999)*, GAEP & GÉOPRÉ, pp. 187-205.

- BAPTISTA, A. M. e GOMES, M. V. (1997), “Arte Rupestre” in ZILHÃO (coord.), *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Ministério da Cultura, pp. 213-406.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F. (1994), “Reflexiones en la cueva de Altanira”, *Monografías*, nº 17, Museo y Centro de Investigación de Altamira, pp. 261-267.
- BOURDIEU, P. (2002), *Esboço de uma teoria da prática – Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.
- CASEY, E. S. (1996), “How to get from space to place in a fairly short stretch of time. Phenomenological prolegomena” in FELD, S. e BASSO, K. H. (eds.) *Senses of Place*, School of American Research Advanced Seminar Series, pp. 13-52.
- CLOTTE, J. e COURTIN, J. (1992), *La Grotte Cosqueur. Peintures et Gravures de la Caverne Engloutie*, Paris, Éditions du Seuil.
- CORCHÓN RODRIGUEZ, S. (1986), *El Arte Mueble Paleolítico Cantabro: Contexto y Analisis Interno*, Madrid, Centro de Investigación y Museo de Altamira [Monografías, 16].
- FERREIRA, A. B. (1978), *Planaltos e montanhas do Norte da Beira – Estudos de Geomorfologia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos [Memórias do Centro de Estudos Geográficos, n.º 4].
- FORTEA PÉREZ, F. (1994), “Los “Santuarios” Exteriores en el Paleolítico Cantábrico”, *Complutum*, 5, Madrid, Universidad Complutense, pp. 203-220.
- GARCÍA DIEZ, M. e AUBRY, T. (2002), “Grafismo Mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): La Estación Arqueológica de Fariseu”, *Zephyrus*, 55, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 157-182.
- GUY, E. (2002), “Contribution de la Stylistique à l’Estimation Chronologique des Piquetages Paléolithiques de la vallée du Côa (Portugal)” in SACCHI, D. (dir.), *L’Art Paléolithique à l’Air Libre. Le paysage modifié par l’image (Tautavel – Campôme, 7 – 9 octobre 1999)*, GAEP & GÉOPRÉ, pp. 65-72.
- HEIDEGGER, M. (1998), *El Ser y el Tiempo*, Fondo de Cultura Económica, Madrid.
- INGOLD, T. (2000), *The Perception of the Environment*, London & New York, Routledge.
- JORGE, S. O., JORGE, V. O., ALMEIDA, C. A. F. de, SANCHES, M. de J. e SOEIRO, T. (1981), “Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta)”, *Arqueologia*, 3, Porto, GEAP, pp. 3-12.
- LAMING-EMPERAIRE, A. (1962), *La Signification de l’Art Rupestre Paléolithique*, Paris, Picard.
- LEROI-GOURHAN, A. (1968), “Le symbolisme des grands signes dans l’art pariétal paleolithique”, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 55 (7-8), Paris, pp. 384-398, pp. 384-398.
- LEROI-GOURHAN, A. (1972), “Considerations sur l’organisation spatiale des figures animales, das l’art pariétal paleolithique”, *Santander Symposium – Actas del Symposium Internacional de Arte prehistórico*, Santander, UISPP, pp. 281-308.
- LEROI-GOURHAN, A. (1984), “Reflexiones Metodológicas en Torno al Arte Paleolítico”, *Simbolos, Artes y Creencias de la Prehistoria*, Madrid, Ediciones Istmo [Artes, Técnicas, Humanidades, 3], pp. 414-436.
- LEROI-GOURHAN, A. (1995), *Préhistoire de l’Art Occidental*, Paris, Citadelles et Mazenod [primeira edição: 1965].
- LUÍS, L. (2005), “Arte Rupestre e Ocupação Humana no Vale do Côa. Balanço da Investigação do Parque Arqueológico do Vale do Côa”, *Côavisão*, 7, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 31-60.
- MEIRELES, J. (1997), “O Quaternário do Vale do Côa” in ZILHÃO (coord.), *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Ministério da Cultura, pp. 41-54.
- MERCIER, N., VALLADAS, H., FROGE, L., JORON, J. L., REYSS, J. L. e AUBRY, T. (2001) in ZILHÃO, J., AUBRY, T. e CARVALHO, A. F. (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique – Actes du Colloque de la Commission VIII de l’UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22 – 24 Octobre 1998*, Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 275-280.
- MOURE ROMANILLO, A., GONZÁLEZ SAINZ, C., BERNALDO DE QUIRÓS, F. e CABRERA VALDÉS, V. (1996), “Datações Absolutas de Pigmentos em Cuevas Cantábricas: Altamira, El Castillo,

- Chimeneas y Las Monedas” in MOURE ROMANILLO (ed.), “*El Hombre Fósil*” 80 Años Después. Homenaje a Hugo Obermaier, Santander, Universidad de Cantabria, Fundación Marcelino Botín e Institute for Prehistoric Investigations, pp. 295-324.
- PIGEAUD, R. (2004), “La Grotte Ornée Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne)”, *Gallia Préhistoire*, 46, Paris, CNRS Éditions, pp. 1-154.
- RAPHAEL, M. (1945), *Prehistoric Cave Paintings*, New York, Pantheon Books [The Bollingen Series, IV].
- RIBEIRO, M. L. (2001), *Carta Geológica Simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Esc. 1: 80 000. Notícia Explicativa*, Vila Nova de Foz Côa, Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RICOEUR, P. (2000), *Teoria da interpretação*, Lisboa, Edições 70.
- SANCHIDRIÁN TORTI, J. L. (2000), “Panorama Actual del Arte Paleolítico en Andalucía”, *Paleolítico da Península Ibérica*, Porto, ADECAP [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. II], pp. 541-554.
- SANTOS, A. T. (no prelo), “A Fenomenologia da Pré-história e a Arte Rupestre ou “Como o martelo só se revela no acto de martelar””, *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*.
- SAUVET, G. (1988), “La Communication Graphique Paléolithique (De l’analyse quantitative d’un corpus de données à son interprétation sémiologique)”, *L’Anthropologie (Paris)*, 92 (1), Paris, pp. 3-16.
- SAUVET, G. e SAUVET, S. (1979), “Fonction sémiologique de l’art pariétal animalier franco-cantabrique”, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 76 (10-12), Paris, pp. 340-354.
- SAUVET, G. e SAUVET, S. (1983), *Los Grabados Rupestres Prehistoricos de la Cueva de La Griega (Pedraza, Segovia)*, Salamanca, Departamento de Prehistoria y Arqueologia da Universidad de Salamanca [Corpus Artis Rupestris I. Palaeolithica Ars, 2].
- SAUVET, G. e WLODARCZYK, A. (1995), “Éléments d’une Grammaire Formelle de l’Art Pariétal Paléolithique”, *L’Anthropologie (Paris)*, 99 (2-3), Paris, pp. 193-211.
- SAUVET, G., SAUVET, S. e WLODARCZYK, A. (1977), “Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l’homme)”, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 74 (2), Paris, pp. 545-558.
- STUIVER, M., REIMER, P. J., BARD, E., BECK, J. W., BURR, G. S., HUGHEN, K. A., KROMER, B., McCORMAC, F. J., van der PLICHT, J. e SPURK, M. (1998), “INTCAL98 Radiocarbon age calibration 24,000 – 0 cal BP”, *Radiocarbon*, 40, pp. 1041-1083.
- TURNER, V. W. (1974), *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, Petrópolis, Editora Vozes, Lda.
- VILLAVERDE BONILA, V. (1994), *Arte Paleolítico de la Cova de Parpalló. Estudio de la Colección de Plaquetas y Cantos Grabados y Pintados*, Valência, Servei d’Investigació Prehistòrica.
- YATES, T. (1993), “Frameworks for an Archaeology of the Body” in TILLEY, C. (ed.), *Interpretative Archaeology*, Providence/Oxford, Berg, pp. 31-72.
- ZILHÃO, J. (1997), “Súmula dos Resultados Científicos” in ZILHÃO (coord.), *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Ministério da Cultura, pp. 13-37.
- ZILHÃO, J., AUBRY, T., CARVALHO, A. F., ZAMBUJO, G. e ALMEIDA, F. (1995), “O Sítio Arqueológico Paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa)” in JORGE, V. O. (coord.), *Dossier Côa*, Porto, SPAE [Separata especial de “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, 35(4)], pp. 167-193.

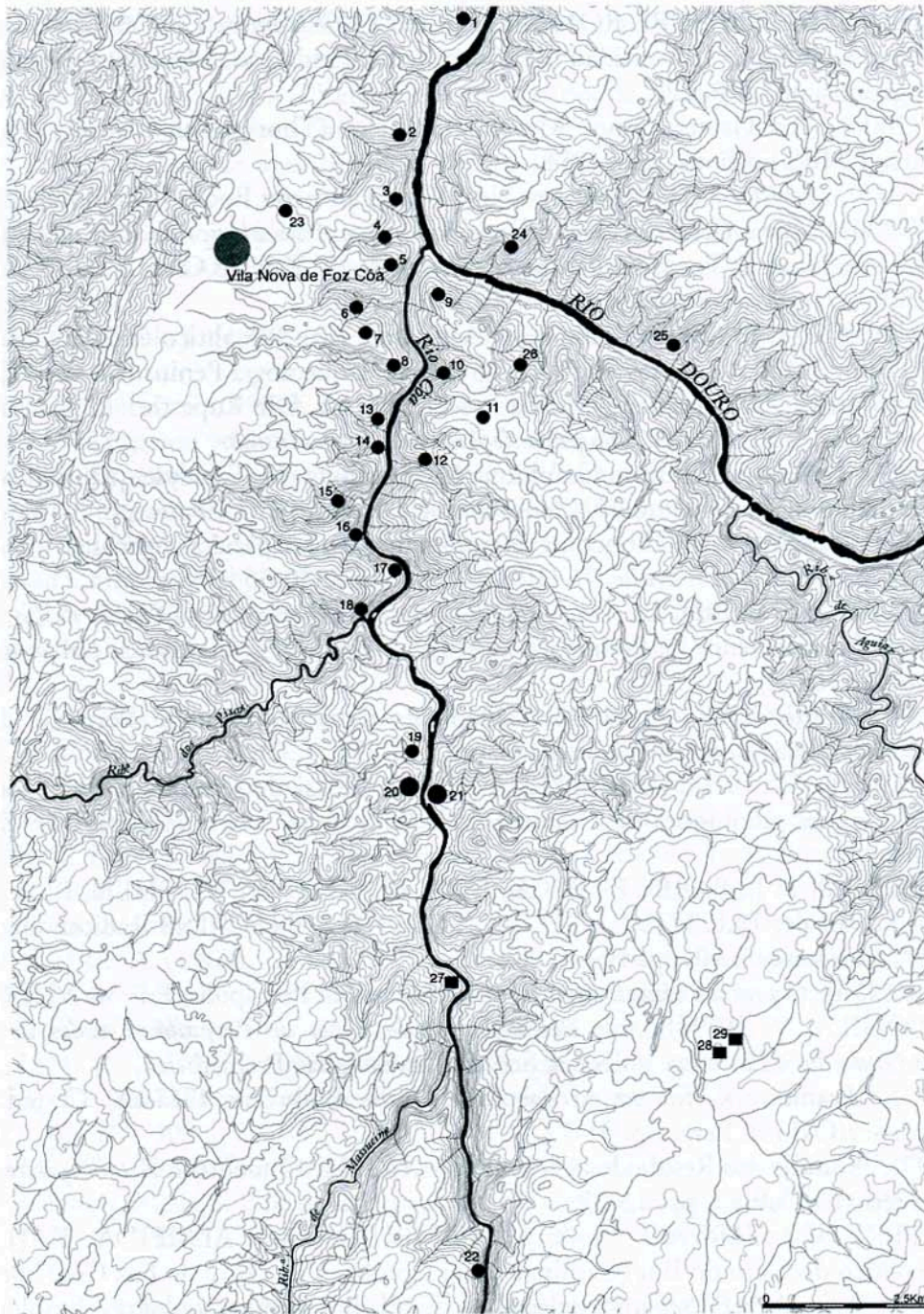


Fig. 2: Distribuição das estações de arte rupestre paleolítica (círculos) e dos sítios de habitat com níveis Gravettenses e/ou Solutrenses (quadrados) pela bacia do Baixo Côa (com base nas folhas 11C e 15A da Carta Corográfica de Portugal, escala 1: 50 000). 1 – Vale da Casa; 2 – Vale de Cabrões; 3 – Vermelhosa; 4 – Vale de José Esteves; 5 – Foz do Côa; 6 – Vale do Forno; 7 – Moinhos de Cima; 8 – Vale de Moinhos; 9 – Quinta das Tulhas; 10 – Broeira; 11 – Meijapão; 12 – Canada do Amendoal; 13 – Rego da Vide; 14 – Canada do Inferno; 15 – Vale de Videiro; 16 – Vale de Figueira; 17 – Fariseu; 18 – Ribeira de Piscos; 19 – Ribeira das Cortes; 20 – Quinta da Barca; 21 – Penascosa; 22 – Faia; 23 – Alto da Bulha; 24 – Ribeira de Urros; 25 – Vale de João Esquerdo; 26 – Canada da Moreira; 27 – Cardina; 28 – Olga Grande 4; 29 – Olga Grande 14.

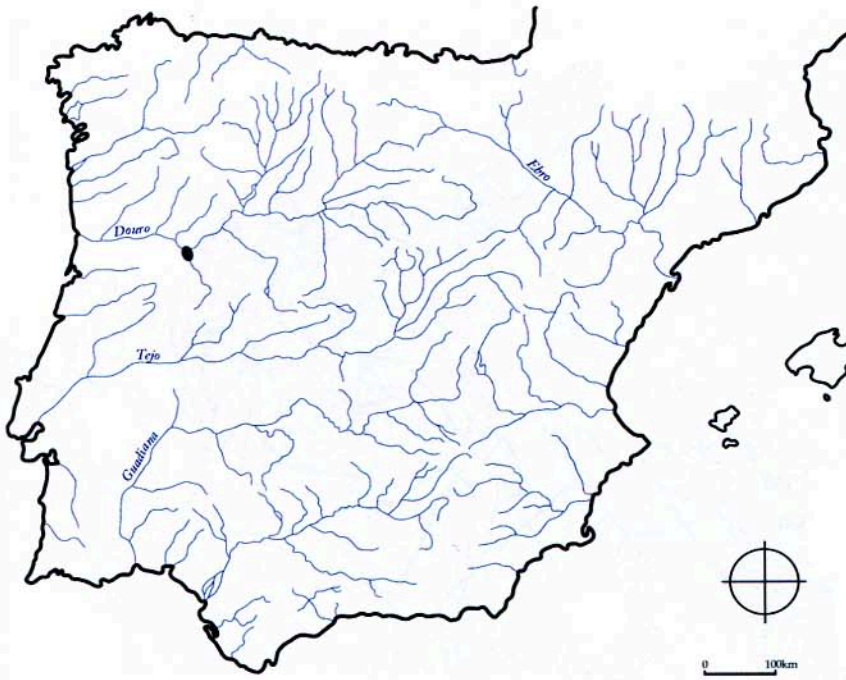


Fig. 1: O Baixo Côa na Península Ibérica

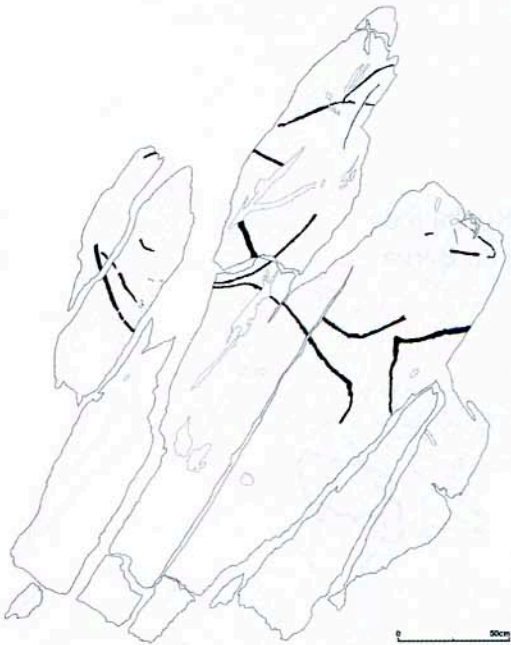


Fig. 3: Rocha 1 da Penascosa

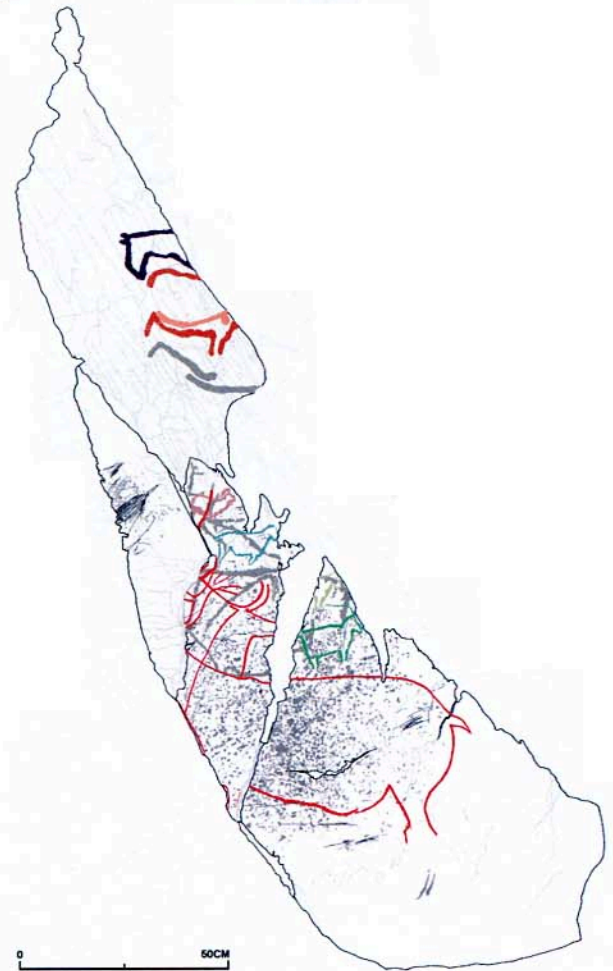


Fig. 4: Rocha 2 da Quinta da Barca

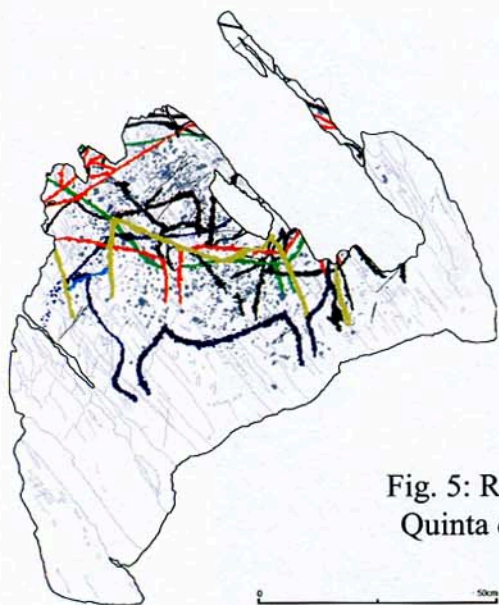


Fig. 5: Rocha 4 da Quinta da Barca

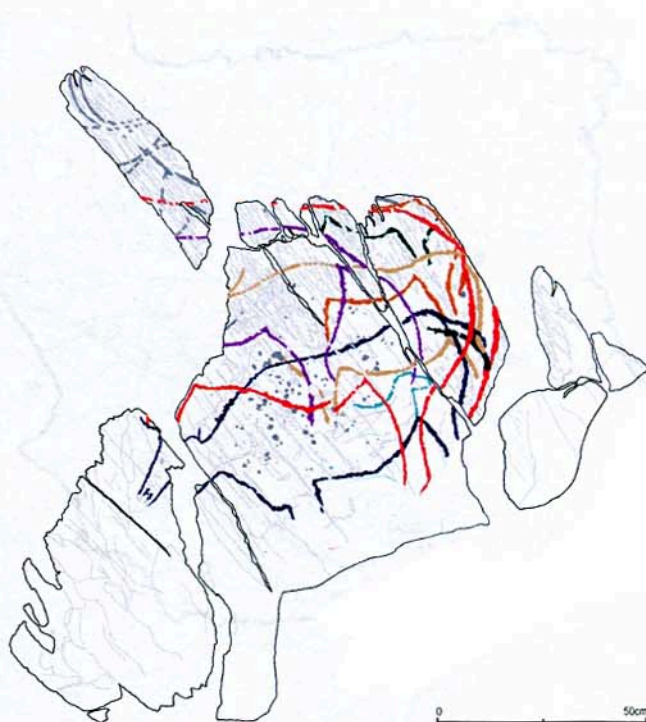


Fig. 6: Rocha 5 da Quinta da Barca

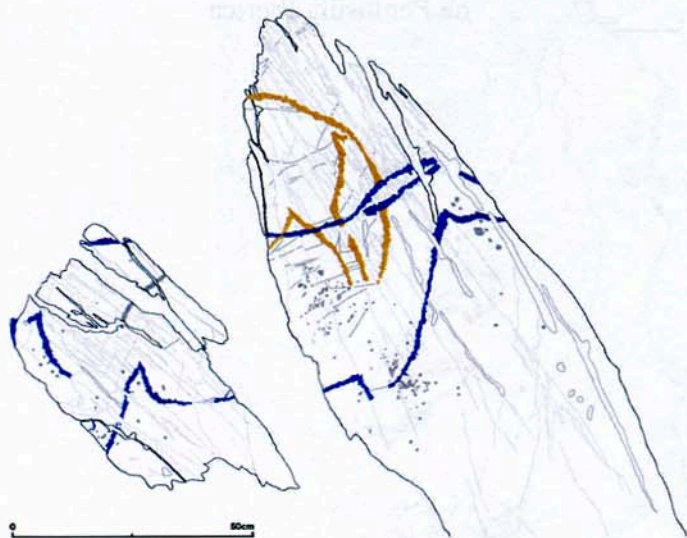


Fig. 7: Rocha 8 da Quinta da Barca

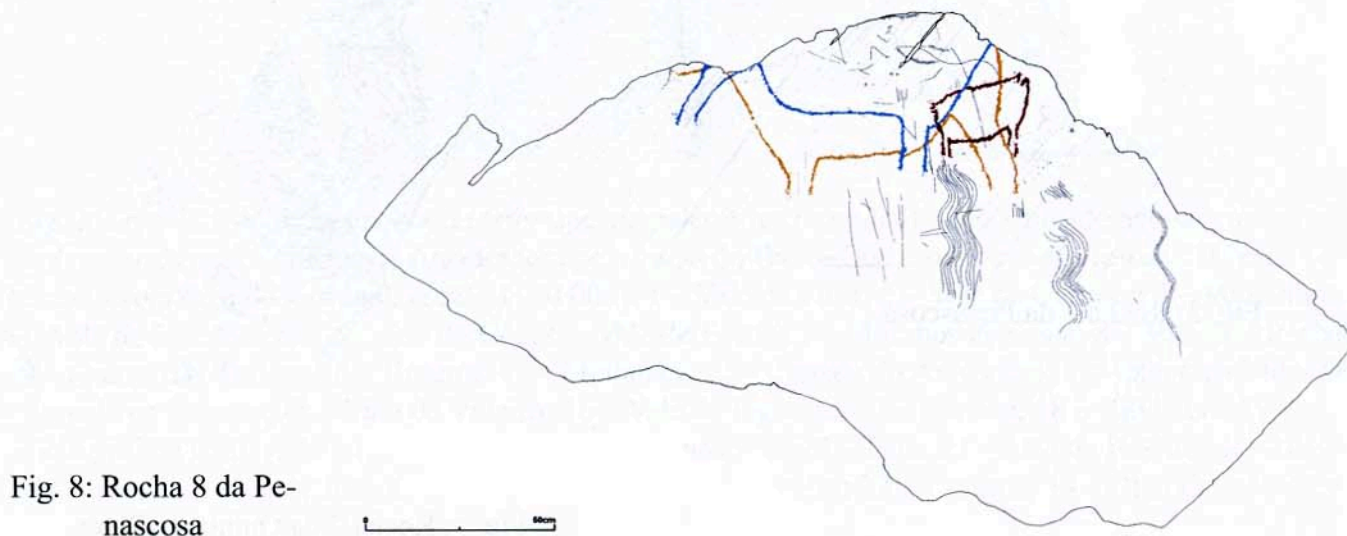


Fig. 8: Rocha 8 da Penascosa

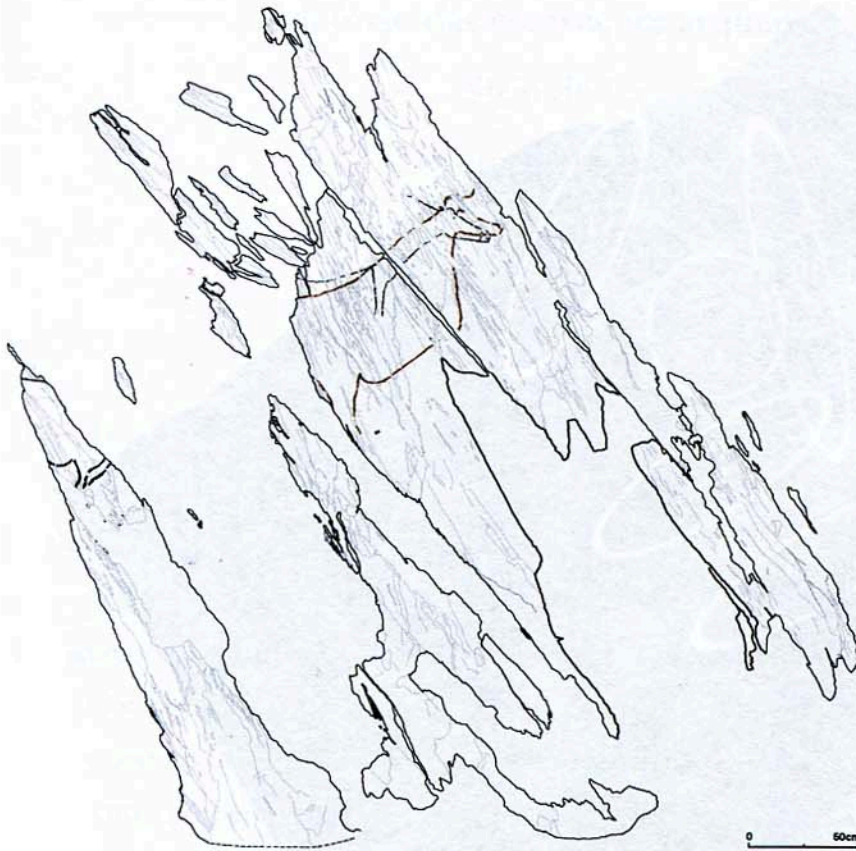


Fig. 9: Rocha 17 da Quinta da Barca



Fig. 10: Rocha 29 da Quinta da Barca

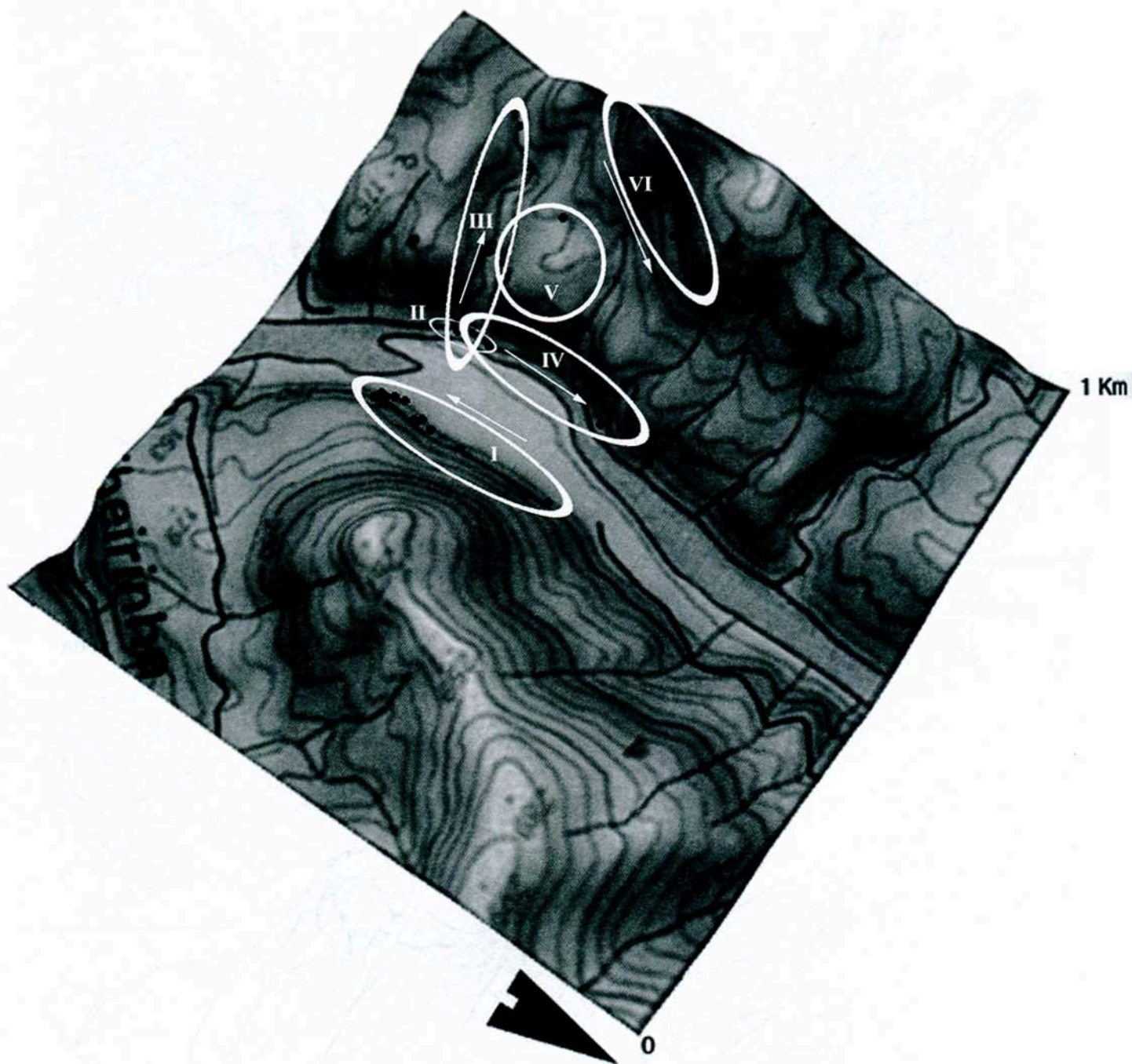


Fig. 11: Projecção ortogonal da área Penascosa/Quinta da Barca. Os numerais romanos referem-se às unidades simbólicas referidas no texto. As setas indicam a orientação dos percursos propostos.